3 1761 06862626 6

Graciema Nobre

Crepúsculo

PQ
9697
N54C7

Preambulo

Não imagina o leitor o meu embaraço ao tracejar o prefacio para este livro de versos. Não que elle seja um desses livros em que o prefacista, solerte e cauto, haja de lançar mão de compridas ambages par não dizer cousas que o malsinem; pois o contrario se dá, felizmente, no que toca á presente collectanea, cuja auctora, a despeito de ser ainda muito joven, merece, todavia, as mais demoradas attenções da critica. Qual o motivo, portanto, de semelhante embaraço? E' que a auctora dos *Crepusculos* foi, não ha muito tempo, uma das minhas alumnas na aula de literatura do nosso *Conservatorio Dramatico e Musical;* e o meu embaraço provém justamente desse facto, pois ainda não me deshabituei de me considerar um *magister* com relação a Graciema Nobre.

Força é, porém, deslembrar essa circumstancia: a discipula de hontem é a auctora de hoje, a festejada auctora dos *Crepusculos*; e, para que não dizer? — no gentil convite que me fez para occupar as primeiras paginas do seu gracioso livro de estréa, Graciema Nobre se revela uma alma de escól, de merito real, de rara intuição, porquanto lhe bacorejou, desde logo, que eu, mais do que outro qualquer, estava apto a apresental-a ao leitor, uma vez que lhe graduei os primeiros passos no caminho das letras, tendo-lhe mesmo dado azo de se exhibir em publico por meio do jornal *Commercio de S. Paulo*, em que estampou os seus primeiros trabalhos em prosa e verso.

Assim, fique sabendo o leitor: não é de hoje que conheço a distincta poetiza dos *Crepusculos* para lhe poder affiançar que ella, sem desdouro e com garbo, se collocará, dentro em breve, na ala das nossas *femmes-auctcurs* já consagradas que se chamam Francisca Julia da Silva, Zalina Rolim, Presciliana Duarte e Julia Cortines.

LIBRARY
MAR 17 1972
UNIVERSITY OF TORONTO

PQ
9697
N54C7

Dahi o facto de não ser este livro para mim um surpreza. Graciema Nobre, quando minha discipula, já denunciava a sua poderosa vocação poetica, tanto que, não poucas vezes, a distingui sobremaneira na minha aula, mas de forma a não suscitar em suas condiscipulas outro sentimento que não o do estimulo.

Lembra-me que, de uma feita, a incumbi de saudar a Arthur Azevedo, quando este escriptor visitou pela primeira vez o nosso *Conscervatorio*. Taes foram as palavras proferidas por Graciema Nobre nessa occasião, e com tanto sentimento e expressão, que Arthur, ao ter de lhe agradecer a saudação, emmudeceu, com as lagrimas a saltarem-lhe dos olhos e a voz embargada na garganta pelos soluços, limitando-se a apertar entre as suas mãos a de Graciema Nobre e a balbuciar apenas: «Obrigado!».

Estando depois a sós com o saudoso escriptor, disse-me elle, já refeito da subitanea emoção: «Que menina talentosa! E parece-me tão ingenua, tão meiga, tão bondosa! commoveu-me até ás lagrimas... Eu que tanta pratica tenho do mundo, — pois não ha nada como o theatro para nos fazer conhecer o mundo, — eu que tenho vivido entre bastidores, quero dizer, entre mentiras e perfidias, estou muinto agradecido a essa innocente creatura que me fez despertar, no mais recondito da alma, o sentimento da candura, da fragilidade, da pureza. Abençoadas lagrimas!». Nisto, dei a ler a Arthur, muito de industria, alguns versos de Graciema Nobre. Eram dous sonetos. Arthur, mostrando-se muito interessado, leu-os e releu-os, dizendo logo em seguida: «Auguro a esta menina um bello futuro nas letras; estes versos constituem um seguro penhor do seu proximo triumpho».

O saudoso escriptor não errou no seu vaticinio, se bem que se não possa dizer que a presente collecção de versos orce já por uma completa victoria. Mas, isso é natural: *natura non facit saltum*. Demais, a aguia, quando pequenina, não sóbe de um surto ás remontadas regiões do azul; e conta-se até que na grimpa do mais alcantilado rochedo edifica o seu ninho, onde a prole cria, affeita ao deslumbramento da luz solar, á vertigem da altura, ás iras das tempestades, e, como canta um poeta,

Quando a pennugem radia
Nessas aves pequeninas,
Vivas como a luz do dia,

Em suas garras belluinas
Condul-as a aguia altiva
A's translucidas campinas...

A luz do sol excessiva
Fal-as fitar... Se uma dellas
Os olhos fecha de esquiva,

Mata-a de subito, e aquellas
Que o sol fitaram sem medo,
Pairam no azul como estrellas.

Não resta duvida alguma que a auctora dos *Crepusculos* está, como a pequenina aguia, no periodo da educação das azas de sua *vis* poetica, e patenteia a energia de sua retina espiritual no encarar, fito a fito, a intensissima luz da publicidade. Tenho fé na potencialidade de sua vocação, e fio que os olhos de sua musa não se fecharão ao fulgor electrico de tanta luz para ter o destino das aguias imbelles.

Acosto-me ao que lhe futurou Arthur Azevedo, quando lhe dei a ler dous sonetos de Graciema Nobre, por signal que foram os seguintes:

VERTIGEM

E' pequenina e perfumada a sala;
A mariposa, á luz do gaz, anceia,
E, fascinada, o vôo delineia
Em torno á luz, num *tremolo* de escala...

Como em delirio, a misera volteia;
Tem vertigens: a luz é côr de opala...
Vacilla e treme...até que a vida exhala
Da luz tranquilla na mais fina teia...

Assim, oh! alma douda e sonhadora!
Teu sonho é a luz em que a voar te abrazas,
Mariposa do amor que a luz namora...

Em vão teu vôo de paixão atrazas:
Céga, tu voas a fugir; embora!
Tombas na propria luz queimando as azas!

MEU PIANO

Sorris, bem sei, quando a sorrir dedilho
Teu teclado, onde soam seductoras
Notas, notas chromaticas, canoras,
Feitas de amor, de sonhos e de brilho.

Teus *allegros* são vivos; são sonoras
Tuas *gammas* de fulgido estribilho.
Mas eu amo o *pianissimo* tonilho
Da abemolada musica que choras...

Assim, quando executo a melodia
Nas tuas teclas brancas de alvaiade
Minh'alma vagamente se extasia...

E em langue devaneio que me invade,
Ouço, tão cheia de melancholia,
A *romanza* dolente da Saudade...

Desculpe-me a sympathica poetiza se lhe tiro o prazer de apresentar por si ao leitor, mais ao diante, os sonetos que acabo de transcrever. Assim procedo, porque penso que por esses dous sonetos poderá o leitor apreçar o quilate do seu talento diamantino, além de que consubstanciam elles a valia do meu juizo critico ácerca do seu livro de estréa.

Ora digam-me se nessas duas producções poeticas não se antolha a finissima estofa de uma artista, de par com a delicada e melindrosa sensibilidade de uma verdadeira poetiza. Não quero com isto, entretanto, dizer que ellas sejam duas obras-primas, mesmo porque é muito difficil encontrar-se tal correcção na edade em que as emoções poeticas brotam como as flores do campo- vivazes mas singelas, cheias de frescura e simplicidade. A lima de Horacio é muito leve para as mãos do adolescente plethorico de vida, cuja ardorosa impaciencia não consona com a benedictina meticulosidade exigida pela obra d'arte, pois tanto vale dizer que o ouvido e o gosto, no caso pertinente, só alcançam o necessario apuro, depois que o poeta deixa as faixas da puericia litteraria, perdendo em expontaneidade o que ganha em precisão artistica.

Sully Prudhomme, no seu *Testament d'un poète,* que é um verdadeiro tratado de philosophia sobre a arte poetica, sua forma e suas leis, embrexado, aqui e alli, de profundos pensamentos do poeta a respeito da belleza e as fontes da inspiração, Sully Prudhomme escreve que sómente entrou a comprehender o que era um verso bem feito numa reunião em casa de Leconte de Lisle, depois que ouviu a este recitar algumas de suas poesias naquella dicção grave e lenta que lhe era caracteristica e em que punha em relevo a admiravel solidez do seu verso como exactissma equipollencia da força e plenitude do seu pensamento. Foi nessa escola, observa Sully Prudhomme, que elle soube serem coirmâs a riqueza e a sobriedade pela justeza da *forma* com o *fundo*. O vocabulo *justo* tomou então a seus olhos, dahi em diante, um valor extraordinario, e foi quando resolveu banir de seus versos os adjectivos vagos, genericos em demasia, os quaes não passão de *cunhas*, para não conservar senão aquelles que se impoem.

Neste particular o impassibilismo parnasiano prestou um grande serviço ás letras; a importancia que se ligou á plastica do verso, isto é, á sua belleza puramente musical, independentemente do pensamento ou do sentimento que exprime, esse exagero no culto da forma desenvloveu esta outra qualidade: o odio á vulgaridade, á banalidade dos epithetos.

Parece qne Graciema Nobre recebeu do parnasianismo essa influencia, posto que não esteja ainda bem accentuada, devido ás *chevilles* que se notam nos seus versos, sendo este deslize, por sua vez, consequencia da verdura de sua edade e da sua inexperiencia quanto aos profundos segredos da versificação.

Donde se vê que a poetiza dos *Crepusculos* não seguiu caminho errado tomando para modelo o verso parnasiano, isto é, o verso correcto, lidimo, puro, o qual se lhe pode tornar, mais tarde, um submisso instrumento na traducção de suas idéas ou emoções.

Agora, convem observar que talvez semelhante influencia não tenha sido directamente recebida dessa banda de poetas francezes, á frente da qual se acharam Théophile Gautier, Leconte de Lisle, Sully Prudhomme, François Coppée, Banville, Catulle Mendés, José Maria Heredia, para não citar senão os de mais notavel graduação no movimento parnasiano.

Para mim Graciema Nobre formou o seu espirito poetico lendo de preferencia dous artistas do verso — Bernardino Lopes e Gonçalves Crespo, legitimos representantes, entre outros, do parnasianismo francez na lingua portugueza.

Ora ninguem desconhece que Banville sobre aquelle poeta e Coppée sobre este tiveram forte ascendencia, notadamente no tocante á rima rica e escolha dos epithetos, por parte de B. Lopes, e, por parte de Crespo, quanto ao córte do verso e á factura de pequenos quadros, que são verdadeiros poemas em miniatura.

Por isso é que se nota nos *Crepusculos*, aqui e alli, a preoccupação da rima opulenta, do vocabulo *brilhante* e *sonoro* e da dristribuição dos versos em não raros escantilhões de paineis miniaturisados. Mas a influencia desses dous poetas foi benefica á auctora dos *Crepusculos?* Creio que sim.

Os dous modelos são bons, de parte o exaggero de B. Lopes no respeitante ao malabarismo da rima e á megalomania de suas concepções, em que passam e repassam tantas condessas ideaes em meio de um luxo de nababescos ornatos, faustoso e phantastico scenario de uma imaginação desregrada.

Não sou daquelles que trazem ao terreno da critica affirmações absolutas, ignorando por completo que, se em algum ramo dos conhecimentos humanos póde caber á justa o unico principio da philosophia positiva: — Tudo é relativo —, é o da critica da arte em geral, sendo excusado declarar que esta comprehende tambem a arte litteraria.

Deste modo, para que e por que se desconhecer o beneficio que trouxe á arte da palavra escripta a orientação literaria desse grupo de cultores fetichistas da forma, que tomaram o nome de Parnasianos na França? Não fossem elles com o seu enthusiasmo, ainda que excessivo, pela impeccabilidade da forma, em prejuizo, muita vez, do sentimento, e continuariamos ás voltas com a *maniére* negligente e incorrecta de fazer versos, pois não sairiamos da solfa dos descabellados romanticos que se desmandaram furiosamente nas suas licenças poeticas. Tornava-se necessario, portanto, um dique a essa impetuosa corrente de francos e desabusados dispauterios, que, além do mais, não condiziam com o movimento, em triumpho pleno das sciencias positivas; e foi isso que fez o Parnaso francez quando surgiu em decisiva reacção contra tamanhos desleixos na forma e desvarios nas idéas. Houve excesso em taes manifestações literarias, não ha duvida: excesso que levou o Parnaso a decretar a destituição do sentimento na poesia com a proclamação do impassibilismo de uma forma de marmore ou de bronze, o que não passa de um dos maiores absurdos em materia de arte; mas a verdade é que isso não foi seguido á risca, tanto que, a despeito desse

exaggero, não se póde, em rigor, dizer que a poesia de Leconte de Lisle, por exemplo, seja destituida de sentimento. Haja vista o poema *Kain* em que palpita o mais alto dos sentimentos humanos-o da solidariedade no soffrimento, por meio daquelle typo de creação biblica, atravez das edades.

O Symbolismo, por sua vez, que appareceu reaccionariamente contra o Parnaso francez, trazendo como corypheus Verlaine, Mallarmé e Villiers de l'Isle-Adam, tem egualmente recebido injustos ataques por parte da critica irreflectida e demolidora, não se podendo, entretanto, affirmar que fosse elle de todo em todo infructifero e destituido de utilidade.

Mal definido e comprehendido é que elle foi não só por parte de seus seguidores senão tambem pela critica, dando por isso em resultado o não ter apresentado um adail em chefe, de genio e de pulso, para oriental-o por meio de uma duradora obra d'arte em que se compendiassem, de par com um novo molde de expressão, os novos ideaes tão retumbantemente proclamados como o evangelho consolador das almas esterilisadas pelo objectivismo da escola parnasiana. No fim de contas, o que se ganhou com a renascença do idealismo e do individualismo na poesia sob a nova orientação que lhe déram os symbolistas? Alguma cousa ficou de aproveitavel: já não digo a idéa de encontrar em tudo um symbolo, o que é velho e revelho, porque o symbolo sempre foi a mais alta expressão da poesia, mas sim o que concerne á contextura do verso, a saber: a mobilisação da cesura nos alexandrinos, e a dos accentos classicos no decasyllabo, a restauração dos moldes archaicos, o verso polymorpho, a alliteração. etc.

Neste livro existe por ventura algum resquicio d'arte promanante de tal movimento literario? Existe e nem podia deixar de existir.

Graciema Nobre é um espirito ductil e impressionavel, mas força é confessar que esse vestigio é quasi imperceptivel em alguns de seus trabalhos, com excepção, porém, das quadras intituladas *Supplica*, como se póde ver pela seguinte amostra:

Nossa Senhora das Dores,
Tão dolorida, tão branca,
Arranca este amor, arranca!
Senhora dos meus amores.

Senhora cheia de graça
Faz esta graça que eu peço:
Tirá este amor que confesso
Meu bem e minha desgraça.

Teu coração traspassado,
Ai! quanto sangue gotteja!
O meu tambem te deseja,
Sangrando de lado a lado.

Como tu perdi as cores:
Olha estas minhas olheiras
Profundas, rôxas, trigueiras . . .
Nossa Senhora das Dores!

Francamente, ou eu me engano, ou nessas quadras sinto algo de emotivo, de sincero, de expontaneo, posto que no molde dos symbolistas mysticos, o que poderia dar a entender que fosse um mero *pastiche*, um decalque, uma imitação. Mas não é, estou bem certo disso.

Dado um temperamento como o da auctora, vibratil e sensivel em extremo, esse feitio oracinal de verso, tirado da Mystica Verleniana, foi o que naturaralmente lhe acudiu por ser mais consentaneo ao seu estado d'alma na occasião em que concebeu a idéa daquella poesia.

Graciema Nobre, se me não engana a observação que fiz com os dados existentes neste livro e com os colhidos na sua convivencia na aula de literatura, por espaço de um anno, como minha discipula, Graciema Nobre é uma poetiza instinctiva, dotada de imaginação, capaz de invenção, e susceptivel de todos os sentimentos bons e delicados.

Possue um bello talento productor e uma finissima sensibilidade pessoal, e póde-se dizer que estas duas faculdades se estreitam em completo accordo para nos dar nella um temperamento artistico de primeira ordem.

Além das poesias já transcriptas, outras ha nos *Crepusculos* que tambem nos agradaram especialmente, sendo de notar, porém, que o seu conjuncto nos agradou antes de tudo.

Divide-se o livro em duas partes: *Tons de rosa* e *Tons lilazes*.

A primeira abre-se com uma longa poesia em versos alexandrinos e decasyllabos, geralmente bem feitos, sob o titulo *O sonho da Chrisanthalia*. Apesar de extensa, não é a melhor do livro. Quero crer mesmo que o seu maior defeito esteja nessa extensão, por ser frivola em demasia a *idéa-mater* que a domina. Em todo caso, já de começo, a sympathica poetiza patenteia de sobra o elasterio de suas azas poeticas, cujo remigio está apto a ascender ás maiores alturas.

Depois de alguns sonetos mimosos, entre os quaes destaco o que se intitula *A um Louva-Deus*, original na concepção, e poderia mesmo qualificar de elegante na forma se não fosse o deslize do primeiro verso do ultimo terceto, encerra-se esta primeira parte com outra poesia extensa em versos alexandrinos á guiza de um conto. Tomando a linguagem musical, póde-se dizer que a idéa desta poesia, intitulada *Rubor e pallidez*, é um *motivo* para largas *variações* poeticas, intervalladas de *allegros* e *adagios*, e tocadas ora *scherzando*, ora com *fuoco*, ora com *grazia*.

A segunda parte dos *Crepusculos*, a meu ver, deve despertar no leitor maior curiosidade e sympathia. E com razão.

Parece mesmo que o sentimento poetico teve ahi maior expansão, além de que se nos deparam nas suas paginas algumas poesias descriptivas de um sainete verdadeiramente local.

Na Roça é uma enfiada de doze sextiihas em septesyllabos que nos encantam, não só pela singeleza da descripção senão tambem pelo sentimento da paizagem. Descreve a poetiza uma casa de caipira á beira de um cafezal que

Olhando assim bem de perto
Parece-me um lyrio aberto
No riso branco da cal.

Plantada perto da horta,
Uma janella, uma porta,
O quarto, a sala em tabique;
Cozinha feita ao relento,
Exposta ás chuvas e ao vento,
Cercada de pau a pique.

E' uma frescura de brejo
Nesse interior sertanejo
Coberto de telha vã,
Como alegram as maitacas
Poisadas sobre as estacas,
Das cercas de guarantã!

Na horta viçam as vagens
Sob as latadas selvagens
Do fresco maracujá;
E as borboletas em valsas
No verde alegre das salsas
Brincam o *tempo será*.

Expostos ao sol que brilha
Uns pés de feijão-ervilha
Estão num viço sem par;
Não passarei sem que trace
Um canteirinho da alface
Que serve para o jantar.

Passam além, entre as murtas,
Morenas de saias curtas
De faces cor de papoulas;
Por entre as folhas silentes
Palpitam os ninhos quentes
Dos inambús e das rolas.

O mesmo viço de flor sertaneja se encontra na poesia *A sonhar*, quinze quintilhas deliciosas de mimo e frescura. E que direi dos sonetos *Noite de Junho*, *A' flôr das aguas*, *No sertão*, *Contraste* e *Chromo*?

De parte alguns senões peculiares a quem se estréa, todos esses trabalhos denotam uma genuina alma poetica forrada de uma graciosa artista.

Já vae longo este prefacio, e devo pingar o ponto final.

Mas não o farei sem que primeiro saude em Graciema Nobre uma das mais ricas organizações artisticas do nosso meio literario, onde espero seja acolhida com as honras a que tem direito.

S. Paulo, 1909.

Wenceslau de Queiroz

A MEUS PAIS

NOTA

De qualquer publicação ou noticia referente a este livro, será obsequio a remessa de um exemplar para a Travessa da Gloria n. 23, São Paulo.

I PARTE

TONS DE ROSA

O SONHO DA CHRISANDHALIA

Ao Fernando

Seductora eu a vi n'essa manhã de Maio.
E a linda flor soberba olhava de soslaio,
N'um assomo de orgulho,
As visinhas gentis, os lindos companheiros
A sorrir ideaes na fronte dos canteiros
— Massiços de folhagem
Por entre o pedregulho. —
Soprava branda aragem
Cantando a toda flor divinos madrigaes.
Sem orgulho, sem pompa, engraçadas plebéas
Tinham meigo sorriso as rubras azaléas
E sonhos de noivado os brancos laranjaes.
E o Sol — esse deus loiro —
Soberbo, rutilante,
Mandava a cada folha um claro raio d'oiro.
E sua luz, beijando as lagrimas que a aurora
Desprende a cada flor e em cada seio chora
Transforma-as em brilhante
D'azues scintillações e gottas de rubis.

Palpitavam — que alvura! — uns seios de camelia
E o calice d'um lys.
Na grama verde-escura andava uma bromelia
Toda despetalada . . .
E a manhã a sorrir, chimerica, encantada,
Tinha nuvens d'arminho em cores cambiantes
E perfumes subtis, finos e trescalantes . . .

Tudo isto eu contemplava a fazer exercicio
A pé, de manhã cedo.
É um meu antigo vicio . . .
Passeava. E ao passar por um jardim sympathico
Parei, quasi que a medo,
Para bem admirar o gosto aristocratico
D'exquisitas flores.
Então, como já disse, ellas, as feiticeiras
Tinham castos odores;
Sorriam divinaes as languidas roseiras.
Parei e admirei . . . porém oh! que surpresa!
Foi então que eu a vi, — essa flor casta e rara!
Oh! formosa sem par!
Eu nunca imaginára
Que houvesse um tam ideal conjunto de belleza.
— Que talhe singular!
E com que fina *pose* escorreita se arqueia
A rubra chrisandhalia, essa que brilha cheia
Da graça auroreal, da mais viva scentelha
D'uma rima a brilhar na petala vermelha.

Era uma rubra flor, sem timidez, altiva,
Offerecendo o labio, encarnado, de sangue,
Á luz d'oiro do sol, tam caustica, tam viva
Que matava talvez ou deixaria exangue
Uma outra qualquer flor.
Vinham acaricial-a as brizas meigas, callidas:
Perante o seu rubor,
Como as camelias sãs me pareciam pallidas!
Eu contemplava-a absorta, embevecida,
Julgando devanear:
A belleza da flor . . . a ternura do ar
Deixou-me tam abstracta,
(Vejam só o que fez a flor aristocrata!)
Perdi a noção de tudo e como um ser sem vida
Ouvi, não sei, immersa em doce distracção,
Segredar-me uma voz, n'um mixto de paixão
A historia do seu sonho:
— Eu — disse-me então a voz avelludada —
«Por esta noite calma,
Quando lá nas alturas
Sorria a branca lua em candidez prateada
Senti viva dormencia acariciar minh'alma;
Havia pelo céo sombras tristes e puras . . .
Um perfume d'amor, um cheiro de violetas,
Se evolavam no espaço; e lá, no azul sidereo,
Estrellas a brilhar como pupillas pretas
Tinham scintillações d'um casto sonho ethereo.
E eu sonhava tambem:
Por finas mãos, sonhei, colhida eu era.
Fazia uma manhã de meiga primavera
Como esta. Nas alturas, além,

O loiro sol sorria . . .
Separada estava eu de minha haste subtil;
O céo se achava immerso em calmo e puro anil
E a briza perpassava inda ríspida e fria.
Logo depois senti na face feiticeira
Um tam ardente beijo
Que as petalas que eu tinha impeccaveis, bem alvas,
Se me tornaram, — vês? — assim d'esta maneira,
Da viva cor do pejo.
No espaço rescendia um perfume de malvas.
E depois desse beijo, apaixonadamente
A alguem fui offertada
E uma boquinha casta enrubecida, amada,
Tambem chegou-se a mim n'uma caricia ardente.
E então ouvi uma voz que meiga me elogiava
Por entre uma promessa e um juramento
Quando o sol, percebendo que eu sonhava
Accordou-me n'um doce cumprimento." —

A voz cessou, passou-se-me o delirio
E vi a flor ideal
Sorrindo para um lyrio.
O zephyro trazia o perfume do val.
A manhã era a mesma. O céo d'azul perfeito
Sorria no esplendor do claro mez de Maio.
Tudo era sonho e amor. E sobre o verde leito
A flor idolatrada
Soberba, avelludada
Me olhava de soslaio . . .

—

É de noite. Os salões em grande bizarria
Esplendem toda a luz e flores e sorrisos.
Pairam ondas de gaze em claros soalhos lizos:
Alta aristocracia.
Movem-se gentilmente as cabelleiras pretas.
Em posições discretas
Os languidos divans
Guardam certa fragancia
De pequeninos *nadas* de elegancia,
De muitas phrases vãs.
Palpitam nas janellas as cortinas;
Pelos cantos sorriem-se as palmeiras,
E as flores em *corbeilles* tam faceiras
Tornam-se ás vezes quasi purpurinas
Bisbilhotando alguns colloquios mudos.
Joias, brilhantes, sedas e velludos
Reflectem-se em espelhos.
Na salinha fronteira alguns senhores velhos
Jogando, perdem elegantemente.
Nas portas os rapazes
Em sorrisos d'amor vivos, audazes,
Olham as moças.
O ar é doce e perfumado e quente.
Na sala de jantar ha um tilintar de louças.
Risos, olhares, phrases e gracejos
Estalam como beijos
Deixando quem observa em verdadeiro cháos.

A orchestra soluçava uma galante
Valsa de Strauss.

Eis que esfriou o fogo do enthusiasmo;
Todos se voltam: linda e roçagante,
Formosa a causar pasmo,
— Em cada olhar quanta paixão palpita! —
D'entre as moças do baile a mais bonita
Nesse momento entrava.
Vinha toda de branco em candidez de lyrio
E essa nuvem de gaze provocava
Paixões e ciume, graças e martyrio.
E logo ao divisar o seu gentil rostinho
Ouvi dizer assim:
— «Mas que falta de gosto, olhe só: no corpinho,
Em vez d'alguma rosa
Ou d'um jasmim,
Leva uma chrisandhalia tam viçosa . . .
Não acha detestavel?» —
Ouvindo aquella voz olhei para o meu lado:
Era uma certa dama pouco amavel
Quem dissera isso tudo.
Olhei para a que entrara e oh! sonho adorado!
Divisei no corpinho o seio de velludo
Da minha flor ideal.
Como esplendia então, soberba e sem rival!
Não pensei em mais nada.
Passei um tempo enorme olhando a rubra flor

Divina como um beijo ardente e todo amor
Qual se fosse paixão dulcissima, encantada.
Uma valsa se ouviu.
A moça foi dançar e minha flor tambem.
E nesse turbilhão nesse grande vae-vem
A chrisandhalia languida cahiu.
Pensei em apanhal-a . . .
Mas nisto quando fui atravessar a sala
A dama que fallei
Poz-lhe em cima o sapato (um primor de setim!)
Oh! flor que eu tanto amava, oh! flôr com que sonhei!
Envez de te pisar, antes pisasse em mim!

A dama foi-se embora
E a flor que me contára o seu sonho d'aurora
Jazia alli sem vida.
— Mas porque, pensei eu, fizeram-lhe tam mal? . . .
Depois é que disseram que a algoz era rival
Da mais formosa moça, a que era preferida.
Eu apanhei-a pois e fui para o *toillete*
Sem encontrar ninguem no quarto perfumado.
Oh! minha triste flor, esse teu triste fado
Quanta pena me mette!
Sonhaste com amor: teu sonho foi cumprido . . .
Mas tu não te lembraste
Que tam longe dos teus e separada d'haste
O teu orgulho assim fosse punido.
Nunca te passou no pensamento

Que n'uma valsa, n'um cruel momento
Sob um pé ias morrer.
Chrisandhalia do sonho, oh! flor da madrugada!
Revive tua fronte, essa face encarnada
Pois que longe de ti não poderei viver!
E então muito a beijei na ternura insensata
De todo o meu amor.
Mas apezar de tudo, o idyllio que me mata
Expirou pouco a pouco . . .
Apezar da paixão morreu meu sonho louco
Nas petalas da flor.

—

E a alcova era mais doce e perfumada e quente,
Riam nos *bibelots* azues myosotis,
A orchestra soluçava ao longe n'uma *schottisch*,
Fervilhava o *champagne* em taças reluzentes.
. . . . . .
— Eu só lá no *toilette* entre finos cristaes
De tudo me esquecera . . .
Contemplava tristonha o sonho que morrera
E que não volta mais . . .

S. PAULO, Janeiro 1907

TÊTE-À-TÊTE

Hora de sobremeza. Um fino gosto
Na mobilia, na sala, nos espelhos.
Ella ri a um olhar fito em seu rosto
N'uma caricia, em supplica, de joelhos.

No fúlgido cristal dos apparelhos
Servem-se de morangos rubros, posto
Que o paladar mal sintam dos vermelhos
Pequenos corações de fino gosto...

Ella sorri formosamente langue,
Palpitam os seus labios cor de sangue
Que são d'amor dois rubros açafates.

E o namorado em extase e ternura
Beija-lhe a bocca em flor, flor que tortura
Corações... de morangos escarlates...

BEIJA-FLOR

E' um pequeno fidalgo esse que estampo
Enterrando nas rosas cor de gelo
O biquinho mais fino do que um grampo
Como se enterra um grampo no cabello.

E' fidalgo no olhar de pyrilampo
Que faz ás borboletas tanto zelo,
E que desfolha as rosas pelo campo
No mais completo e doce desmazelo.

Das flores suga o nectar como um sabio
Beijando-as de uma em uma em pleno labio,
Indo poisar no collo azul d'um iris.

Quando um raio de sol beija-lhe as plumas
N'um cascatear de lucidas espumas
Ostenta as cores todas do arco-iris!

POSTAL

Num delirio de flores e perfumes,
Destas tardes azues, que, ao descrevel-as,
Vai-se accendendo a luz dos vagalumes,
Vai-se accendendo o brilho das estrellas,

Nestes doces crespusculos, e pelas
Doces tardes que, lendo-me, presumes,
Em que se accende o brilho das estrellas,
Em que se accende a luz dos vagalumes,

Sinto minh'alma, que por ti palpita,
Pensar na graça muito mais bonita
Que haveria nas rimas tam implumes

Se, junto a ti, pudesse eu escrevel-as
Olhando a luz incerta das estrellas,
Olhando o brilho azul dos vagalumes...

VERTIGEM

E' pequenina e perfumada a sala;
A mariposa, á luz do gaz, anceia;
E, fascinada, o vôo delineia
Em torno á luz, num *tremolo* de escala...

Como em delirio, a misera volteia;
Tem vertigens: a luz é cor de opala...
Vacilla e treme... até que a vida exhala
Da luz tranquilla na mais fina teia...

Assim, oh! alma doida e sonhadora!
Teu sonho é a luz em que a voar te abrazas,
Mariposa do amor que a luz namora...

Em vão teu vôo de paixão atrazas:
Céga, tu voas a fugir; embora!
Tombas na propria luz queimando as azas!..

MEU PIANO

Sorris, bem sei, quando a sorrir dedilho
Teu teclado, onde soam seductoras
Notas, notas chromaticas, sonoras,
Feitas d'amor, de sonhos e de brilho.

Teus *allegros* são vivos; são canoras
Tuas *gammas* de fulgido estribilho.
Mas eu amo o *pianissimo* tonilho
Da abemolada musica que choras...

Assim, quando executo a melodia
Nas tuas teclas brancas de alvaiade
Minh'alma vagamente se extasia...

E em langue devaneio que me invade
Ouço, tam cheia de melancholia,
A *romanza* dolente da Saudade...

NA PONTE-GRANDE

O vento esfrola a flor das aguas mansas
E balança os bambús das ribanceiras;
Vive travesso a desfazer as tranças
De formosas e pobres lavadeiras.

Andorinhas gentis, como creanças,
Chilrando brincam entre as trepadeiras;
Ao longe, vaccas timidas e mansas
Pastam fresca verdura pelas beiras.

Ao impulso do remo bem levado
Beija o barquinho uma onda que suspira...
Vem na volta da estrada algum caipira

Que leva seus jacás para o mercado.
O bond espera...
— Foi-se-me a poesia!
O resto ficará para outro dia.

OS OLHOS TEUS

Olhares de paixão, grandes olhos tyramno!
Eu vou vos accusar como se accusa um réo:
A minh'alma perdi nos langues oceanos
Negros do teu olhar, mais doces do que o céo...

Nessa meiga prisão de chimeras e enganos
Onde o meu Sonho vive ao doce lado teu,
Carcereiros sois vós — grandes olhos tyramnos —
Mais negros do que a Dor, mais doces do que o céo!

Oh! sol do vosso olhar que languido rutila
Deixa que eu beba sempre a luz dessa pupilla,
Envolta da paixão no luminoso véo!

Quero-vos sempre assim, olhos que vejo agora!
Onde o amor palpita, onde a paixão implora,
Mais negros do que a Dor, mais doces do que o céo!...

CHALET

Sob um céo mais azul que o céo d'Italia,
Entre a folhagem verde em que realça
No chilreio dos passaros em valsa,
Muita flor, muito lyrio e chrisandhalia,

N'uma aromal, formosa represalia,
Seu leve talhe esguio ostenta e alça
N'uma elegancia langue que descalça,
Sob um céo mais azul que o céo d'Italia,

Todo atufado na folhagem verde
Onde palpita a luz, se esvae, se perde...
Vive o *chalet* de lyrios estrellados.

E por mais graça que a elegancia engendre
Nada achará mais lindo que este alpendre
Onde se beija um par de namorados...

PERFIL D'UM CYSNE

Requintada elegancia e um apuro de graça
Na perfeição ideal das curvas e do talho.
Póde servir de copia a artistico trabalho,
Esbelto e senhoril, quando deslisa e passa.

Abre as azas de neve este cysne de raça,
E, sob a luz que freme em rútilo agazalho,
Atira gottas mil d'um irisante orvalho
Brilhantes, divinaes, translucidas, sem jaça.

Rico de fidalguia e de elegancia rico,
D'alvura modelado e alvissima coberta,
As plumas palpitando em limpido salpico,

Ondas a estremecer n'um arrepio esperta,
Alvo, fino pescoço encurva, e o roseo bico
Vae poisar n'uma flor de lothus entre-aberta.

ETERNAMENTE

No mesmo sonho, Amor! que nos inflamma,
Sinto como se fossem nossas almas
Um par de rouxinóes, de azas espalmas,
Pelo bosque a voar de rama em rama . . .

Na doce luz que nos quebranta e chama,
Ouço, a dizer canções de noites calmas,
O par de rouxinóes das nossas almas,
No par de sonhos que o amor derrama . . .

— Mas, ah! quando eu morrer, pupillas negras!
Nossas almas tornadas toutinegras
Hão de se separar com anciedade;

Mas a que fôr para as regiões divinas
Ha de ouvir, pelas noites opalinas,
Cantar a toutinegra da Saudade . . .

N'UM CARAMACHÃO

Entoucado em jasmins pequeninos e olentes,
Madre-silvas aqui, trepadeiras ao flanco,
Aberto em flor palpita, e o rendilhado branco
Trescala a languidez dos sonhos indolentes.

Deste ninho d'amor, ouço canções dolentes
Que me fazem sonhar na pedra deste banco
Tam singelo e tam bom, tam rustico e tam franco,
Que já escutou talvez mil confissões ardentes,

Sonoras timbrações divinas do Desejo
Feitas n'uma caricia immensa de ternura
Que synthetiza um par de labios n'um só beijo.

Que perfume d'amor! E digam que a Ventura
Não reside talvez em tam subtil bosquejo:
— N'uma nesga de céo e um ninho de verdura!

ESTAÇÕES FELIZES

Março: A paineira d'elegancia mestra
Abre os labios das flores mais ariscas;
Rutilam d'oiro languidas faiscas,
Dos passarinhos vibra a doce orchestra.

Estio: A sombra, o goso da palestra . . .
Em fagulhas o vivo sol corisca,
E o beijo pelos galhos já se arrisca
Azas buscando uma aza meiga e destra.

E o Outomno chega enfim para a paineira:
Já não tem flores da estação primeira
Mas escuta as canções dos passarinhos . . .

E no Inverno o algodão rola-lhe aos flancos,
Indo servir os seus cabellos brancos
Para aquecer o concavo dos ninhos . . .

RECORDAÇÃO

Quando se veste Abril, d'oiro e turqueza,
Esperando que em seu olhar de vate
A primavera, esplendida, retrate
O seu perfil rosado de princeza,

Quando num gesto meigo, a Natureza
Derrama seu polychromo açafate,
E em rosas cor de sangue e de escarlate
Sugam abelhas a ideal riqueza,

Lembro do Amor o doce mez tranquillo
Enfeitado de azul e verde-nilo
Onde cantavam esperanças loucas,

Em que eram flores, juras que faziam
As abelhas que, mysticas, zumbiam
A musica do beijo em nossas boccas . . .

NINHO DE ANDORINHAS

Ao Dr. Alfredo de Vasconcellos

Vejo-o sempre alli perto,
E bem meu olhar o alcança,
Nas telhas da visinhança
Muito escondido e encoberto.

É um ninho pequeno e terno
De carinhosas palhetas,
Tem o calor das saletas
N'alguma noite de inverno.

Occulto por sob as telhas,
Sem lhe faltar um remate,
Lembra uma flor escarlate
Que acolhe um casal d'abelhas.

Servem-lhe plumas d'estofo,
Na maciez da pellucia,
Feito d'amor e d'astucia
Bem pequenino e bem fôfo.

Acolhe um parsinho, acolhe,
Cuja belleza propalo,
Lindo que é mesmo um regalo.
E, se esta rima não tolhe,

Direi que o par que discrevo
É de andorinhas travessas
Cuja extenção de cabeças
É d'uma folha de trevo.

Azul-marinho nas azas
Sem um pequeno salpico,
Delicadeza no bico,
Coraçõesinhos em brazas.

Olhar tam fúlgido, esperto,
Que lembra dois pyrilampos
Vindos de longe, dos campos,
Para esse ninho alli perto.

Curvas fidalgas, bonitas,
D'uma elegancia em requinte,
Feitas, creio, por accinte
Ás graças mais exquisitas.

Um elegante beliche
Fazem do ninho de pennas.
Sonhos da cor d'açucenas,
Olhos da cor d'azeviche.

Ao vel-as, aza com aza,
Idylliando sob as telhas,
Eu sinto as rimas vermelhas
Que a minha inveja extravasa.

Mas seu ninho rendilhado
De discrevel-o não fujo:
Parece-me um caramujo
Beirando pelo telhado.

E seu idyllio não quebro:
Muda, me esqueço a espreital-as;
Conversam mais que nas salas;
Têm elegante requebro.

E os amantes lá de cima
Vivem nos beijos immersos;
Ao peito fluem-me os versos,
Aos labios vem-me uma rima.

Não ha ventura que valha
A d'essa casa pequena;
Cada caricia uma penna
Um beijo em cada uma palha.

Com que prazer tam activo
Elle procura e ella aranja
As pennas, como se a franja
Fosse de renda de crivo.

Felizes os que sómente
Presos d'amor, sim, bem presos,
Vêem n'uns olhos accesos
O sonho d'eternamente.

Ninho que vejo lá em cima
Que tendes plumas d'estofo:
Sêde sempre o ninho fôfo
Em que descance esta rima. . .

S Paulo 7-07

UM CRIME

Supplico-te o perdão, oh! martyr borboleta:
Prendi-te, torturei-te, inflingi-te o supplicio
De Christo. Tua cruz, o cravo que te espeta,
Fui eu que os collocou no altar do sacrificio!

Que triste é ter-se assim a belleza irrequieta
Das azas! Sem siquer ter-se um leve intersticio
De ar, e perecer n'uma prisão... Inquieta
Como um doido a morrer nas grades d'um hospicio:

Depois, quasi a expirar, — que cruel! ainda eu pude
Collocar-te no teu minusculo ataúde:
Era n'uma caixinha airosa, leve, harmonica.

E bateste a morrer as azas sobre a tampa,
Deixando impressa alli, a tua doce estampa
Como Christo a deixou no manto da Veronica!

DEVANEIO

No valle da poesia iremos se quizeres:
(Imagina que doce e lindo se assim fôra!)
Iremos idylliar por entre os mal-me-queres,
Tu fazes de pastor e eu faço de pastora.

A mais feliz serei de todas as mulheres
Quando assim de manhã, logo ao romper da aurora,
Nós descermos ao valle em busca dos misteres:
Cantar o céo, o sol e abril que tudo enflora.

Meu cabello ornarás de papoulas vermelhas,
E á tarde iremos pois, recolher as ovelhas,
(As nossas illusões são ovelhinhas louras).

— Cuidado! se faltar uma só, a que quizeres,
Tristonha morrerá, por entre os mal-me-queres,
A mais sentimental de todas as pastoras...

A UM LOUVA DEUS

Dizem que as azas verdes têm doçura,
E têm cara virtude de amuletos.
Têm o dom d'alguns certos olhos pretos
Em cujo brilho encerram a Ventura.

E tu, oh! sonho verde em miniatura!
Feliz te vejo: os passos teus, discretos,
N'esse andar do mais lindo dos insectos,
Pisam-me um verso ainda em estructura.

Qu'importa! — Pisa-o louva-deus bemdicto,
Pisa o meu pobre verso mal escripto,
E dá-lhe essa esperança em que te perdes.

Traz o Sonho que foi-se; vamos, traze-o!
Traz um reflexo doce de topazio
No amuleto das tuas azas verdes. .

NO JARDIM DO MOSTEIRO

Anoitece. O azul é d'amethysta,
Os passarinhos cantam sobre as telhas.
Brotam cascatas de canções vermelhas,
Passa de frades taciturna lista.

Os montes de esmeralda e oiro na crista
Desenham-se entre vividas scentelhas.
Passam zumbindo as ultimas abelhas,
Passam nuvens dispostas pelo Artista.

Vão-se os frades, caminho da capella,
Gemem os sinos a oração singela
E o triste canto-chão rebôa ao longe....

Um par feliz de passaros arrulha,
E o sabiá, emquanto o sol fagulha,
Canta viuvo uma canção de monge...

NO CAMPO

Caramanchéis tufados em verdura,
Zimborios de corriolas e asparago,
Espelham-se no meigo azul d'um lago
Tranquillo como noites de Ventura.

Palacetes de gosto, em miniatura,
Têm das aves o encanto em que divago,
E a copa do arvoredo tem o affago
D'uma grande sombrinha verde-escura.

E os passaros seus beijos, seus arrufos,
Vão esconder pelos cerrados tufos,
Arrulhando a cumprir doces mistéres,

E minh'alma, de flor em flor voando,
Se me queres: bem...mal...—vae decifrando
A *buena-dicha* azul dos mal-me-queres...

COLHENDO AMORAS

A' Zoraide

Uma vermelha e outra mais vermelha
Não ha nenhuma que eu já não descubra,
Si uma é bem rubra uma outra inda é mais rubra,
Se esta é bem viva aquella é uma scentelha.

Cubiça e goso o meu olhar espelha
E nada tento mesmo que o encubra.
E como tenta aquella amora rubra
O paladar mimoso d'uma abelha!

Uma aqui, uma alli, mesmo na vista,
Quero-as todas p'ra mim, e quero, egoista,
Sentil-as neste labio que as namora.

Estendo a mão n'um gesto quasi langue
Porém um máu espinho faz-lhe sangue . . .
— Foi a vingança d'uma rubra amora.

NUVENS QUE PASSAM

Debandam em revoada, ondeando em chamalote,
Nuvens que a briza affaga e célere rendilha
Crivando d'oiro e azul a alvura da mantilha,
Deixando a descoberto ao sol, o anil decote.

Somem-se no horisonte alando-se em magote,
Em forma d'exotismo e extranha maravilha
Pittoresca e bizarra. Á luz que esplende e brilha,
Lá se vae, céo a fóra, a escuma chamalote.

— De todo foi-se a leve esteira d'alabastro:
Passou na rapidez incrivel com que um astro
Sulca brilhante o céo em rapida escalada.

E agora que não vejo a escuma rendilhada,
Parece que no azul diviso um doce rastro
D'azas doidas de sonho inflando em debandada . . .

S. Paulo, 7-07

IDYLLIO ROCEIRO

Cahe a tarde . . . no vesperal concerto
Uma nota siquer treme e dissona.
Olha a morena o céo, mirando á tona,
Por entre a noite e o dia, o azul incerto.

— Trigueirita gentil, vences por certo!
As mais formosas graças tu desthronas
Com esse par de negras azeitonas
Que fazem teu olhar languido, esperto.

E empallidece . . . tomba emfim o dia;
Vem do trabalho o noivo de Maria,
Vem arrancar-lhe o sonho delicado.

Nascem estrellas pouco accesas. Vendo-as,
Ella, nos grandes olhos seus d'amendoas,
Sente o primeiro beijo de noivado . . .

S. Paulo, Outubro-07

RÊVERIE

O navio o levára. — O grande mastro
Sulcando o mar n'um vôo de gaivota
Já nem se via ao longe, tam remota,
Tam grande era a distancia . . . Nem um rastro,

Nem um signal na escuma d'alabastro,
De que elle alli passára! — Nota a nota
N'um sarilho de sons, risos em frota,
Saudando o agonizar do grande Astro,

Passa uma serenata, praia a fóra.
Elle — o noivo — partira; e a noiva chora
Olhando a lua immácula, divina . . .

— Vesper no azul, sonhando se debruça,
E a Saudade tristissima soluça
Como o som d'um bémol muito em surdina . . .

S. Paulo, 11-07

TOUJOURS . . .

Ao teu olhar, meus versos, n'um enxame,
Surgem zumbindo uma alegria estheta;
E o teu sorrir meus versos ramalheta
Cheio d'amor, deixando que se inflamme

Esta rima, vermelha de vexame,
Que te pertence, como á borboleta
Pertence o fino pó d'uma aza inquieta,
Como pertence á flor o loiro estame . . .

E quando, ás vezes, por atroz receio,
Penso que te detesto, que te odeio,
Odeio o verso meu, langue, indiscreto . . .

Porém basta o sorrir em que me enlevas;
Ao teu olhar de luz vindo de trevas,
Ostento á flor do labio inda um soneto.

1907

RUBOR E PALLIDEZ

Deus sorria a fazer os lyrios e as papoulas;
E o riso seu beijando o labio meigo e rubro
Tinha o brilho subtil de caras lantejoulas
E a transparencia azul do langue mez d'Outubro.
Ao contacto feliz de seus olhares mornos,
As flores aos casaes na graça dos contornos
Surgiam lindamente ás mãos do grande Artista;
Ás afiladas mãos d'um apurado encanto
Com que o Deus Creador fez tudo o que se avista,
Com que Elle fez o céo, o mar, o riso, o pranto.
E as flores divinaes affagavam-lhe os dedos
Auctores do mysterio, auctores dos segredos,
Como o soluço doído, intermino que arranca
A mãosinha de til, mui perfumada e branca,
Ferindo, nota a nota, a tremula sonata
Que soluça um teclado ancioso, aristocrata . . .
E Deus fazia então as languidas caçoulas —

Thuribulos d'aroma e calices d'orvalho,
Quando chegou a vez dos lyrios e papoulas
Que lhe exigiram mais subtil e fino talho.
E o Senhor deu-lhes pois um toque de fidalgo
Nas linhas do perfil airoso, leve, esgalgo,
Todo cheio de graça e doce exquisitice,
Talvez porque ao fazer o Creador sorrisse...
Deu á papoula esbelta o collo mais perfeito,
E sob os olhos seus — duas langues violetas —
O concavo da flor tinha o fôfo d'um leito
Para o noivado azul d'um par de borboletas.
Haste fina, delgada, arqueando-se com graça,
Mantinha na elegancia a mais formosa taça
De feitio a capricho e original repique
(Não digo para o chá das cinco que é mais *chic*)
Mas sim para abrigar as lagrimas sem conta
Que choram as manhãs assim o sol desponta.
Quanto á forma do lyrio é facil descrevel-a:
Indo talhal-a Deus olhou para uma estrella.
Pois bem. E o colorido? A graça dos semblantes?
Uma cor que adaptasse ás curvas elegantes?
— Sem uma hesitação, quasi sorrindo, apenas,
Pintou-as Deus da cor das faces mais morenas,
D'um rosado subtil, tam desmaiado e leve,
Que o meu verso medroso e esquivo não se atreve
Discrevel-o siquer, na rima vaporosa.
Imaginem que lindo: um lyrio cor de rosa!
E que graça gentil na face da papoula
N'essa face rosada e languida e creoula!
Da cor do amor, tingiu a petala serena
Pois pensava em Jesus scismando em Magdalena.

A cor que faz nascer tam tremulas cubiças
Que aviva inda um pouquinho as faces das noviças,
A cor da madrugada, a cor mais voluptuosa,
Pois um beijo d'amor é sempre cor de rosa.
E o Senhor disse então:
— «Escolhi bem, parece . . .
Este leve matiz tem a graça da prece
Que um labio de creança evola de mansinho,
Como o gorgeio leve e cheio de carinho
No *pianissimo* langue e timbre seductor
Com que um passaro faz a confissão de amor.
Prece d'uma creança: olhos no céo, de joelhos,
Resvalando a oração entre os labios vermelhos,
Como se visse o bom e meigo anjo da guarda
Que com azas d'amor o proteje e resguarda,
Soletrando, a sorrir, a supplica dos olhos,
Prendendo o cortinado em elegantes fólhos
Em sua mão gentil de mais formosas prendas,
Juntando meigamente as delicadas rendas
Na graça de um docel, na graça vaporosa.
D'uma cortina á outra um laço cor de rosa! —
Sim, eu escolhi bem. E nas flores que espalhe
Não haverá talvez um tam airoso talhe
Junto a tam linda cor. Imagino, portanto,
Que contentar deveis com esse fino encanto.
— Que vos falta? dizei . . .»
Em ousada resposta
De sincera ambição que tudo, tudo arrosta,
Disseram a tremer os labios muito em flor:
— «Não queremos senão . . . um beijo teu, Senhor!»
N'um bondoso sorrir que á bocca se lhe assoma

Deus levou-as ao labio: — o mais subtil aroma
Veio pousar então no seio palpitante
Que tremia ao sentir o beijo delirante
Do Senhor Grande e Bom. E os lyrios e as papoulas
Brilhavam n'um sorrir de caras lantejoulas. . .

O sol jorrava luz em loira catadupa
N'esse intenso brilhar que céga e que deslumbra
Que nos faz aspirar ao doce da penumbra,
Ás sombras dos bambús que a propria luz agrupa;
Sol quente e caprichoso, intenso, que espadana
Fulgurações febris, e tece em filigrana
N'uma scintillação de braza e de corisco,
O rendado perfil, muito medroso e arisco,
D'um galho, a sustentar, vergado n'uma ponta,
O mais vistoso *choux* de petalas sem conta
Que agita a viração num estouvado empenho
Fazendo o sol, da sombra, original desenho.
Brilha o dia a sorrir na luz, no oiro que esbate
A graça do verão vestida de escarlate.
E da graça, tambem o jardim participa
Entre-abrindo uma flor, um lys, uma tulipa;
O gramado viçoso ostentando bizarras
Verdes colorações onde cantam cigarras
Soluçando canções, rendendo caro preito
Ao mais escuro olhar d'um langue amor-perfeito
(Contraste singular a um alvo lyrio, esguio),
Emquanto o céo sorria ao sonho azul do estio

Mettido n'um fichú, n'alvura desinquieta
De nuvens de escumilha e renda e cambraieta.

— Era em pleno Verão.
Luz e seiva em delirio.
E entre os raios do sol viu-se o primeiro lyrio.
Sorria á companheira, á languida papoula
Que ostentava ao calor sua face creoula
Sem medo do mormaço e da brilhante chamma:
E entre o lyrio e a papoula um tapete de grama.
— Que distancia cruel! Que invencivel muralha!
Relva sem coração que nem siquer farfalha
A' briza! E que prohibe (oh! relva sem essencia!)
Uma phrase d'amor, o beijo, a confidencia.
Porque é que Deus daria ás flores que creára
Essa triste distancia immensa que as separa?
Porque é que não as poz unidas n'um só galho
Bebendo em mesma gotta a limpidez do orvalho?
— «Porque, porque, Senhor,» — dizia o roseo lyrio, —
— «Do meu calix fizeste a taça do martyrio?
«Amar sem esperança...amar sem o conforto
«D'uma palavra só...Fazer parecer morto
«Um coração de flor vibrante, apaixonado,
«Como o que tem um lyrio assim, roseo, estrellado» —

—

Uma aranha passeava, esguia, pela grama,
A apanhar oiro e luz que um rico sol derrama,
A brincar, a correr, tam pequenina e lesta,
Que a relva, em relação, dir-se-ia uma floresta.
Caminhou, caminhou...
Gosava do passeio
Tonico das manhãs e hygienico recreio.
Visitando uma flor, subindo por um galho,
—Pois primeiro é a saúde e depois é o trabalho,—
Beijando de uma em uma as rosas sem escolha,
Indo ás vezes poisar no verde d'uma folha...
Mas, subito, estacou...
— «Que linda novidade!» —
— Pensou ella. —
E não ha uma só flor que agrade
Tanto como esta flor que a vez primeira vejo.
Que curva delicada, e que perfil! Desejo
Olhal-a bem de perto.»—
E a aranha approximou-se.
A manhã era a mesma: immaculada e doce...—
O lyrio era uma estrella e a papoula sorria
Movendo-se na forma airosamente esguia.
O idyllio continuava entre elles, e a distancia
Era a unica magua a trazer a fragancia
Languidamente triste e doce da saudade,
E a desunil-os sempre até a eternidade.
E a aranha disse ao lyrio:
— «Estrella cor de rosa,
Eu te saúdo! Flor divina e tam formosa
Como outra inda não vi... Sonho vibrante e vivo
Conta-me flor ideal! Segreda-me o motivo

Que tam triste te faz... conta-me essa tristeza,
Oh! lyrio divinal e cheio de belleza!»—
E a rosea flor sorriu. Após contar-lhe tudo
Prometteu-lhe o odor do seio que, desnudo,
Ostentava no sol, se accaso conseguisse
Diminuir a distancia, a paixão, a doidice,
Se accaso achasse um meio, um modo, uma maneira,
De se corresponder com sua companheira.
A aranha reflectiu:
— «Pois eu tenho uma ideia.
«Vou mostrar p'ra que serve uma aranha e uma teia.»

Trescalava no espaço o perfume dos valles.
A aranha foi poisar no lyrio; o roseo calix
Na grata languidez da petala macia
Era a urna serena e doce da poesia.
O insecto meigo e bom poz-se a tecer. E breve,
O tenuissimo fio, um fio branco e leve,
Mais fino e mais subtil que um fio de cabello,
A' custa de paciencia, á custa de desvello,
Foi-se estendendo muito ao longe, foi-se embora,
A' custa do cruel trabalho de uma hora.
Fez-se grande, cresceu... passou por sobre a grama,
E foi prender-se lá, n'um laço, n'uma trama,
Ao calix da mais linda e mais gentil caçoula,
Foi prender-se no seio inerme da papoula.

—

A aranha terminara; o serviço já feito
Attingira o seu fim; um telephone a geito:
Conversavam então os langues namorados...
Phrases cheias de amor, castellos encantados
Forjaram n'um instante. E seu perfume... ora!
Deram á aranha todo, e ella foi-se embora
Espalhando da mão, prodigamente inquieta,
Um pouquinho de aroma a cada violeta.
E o dia era sereno; o céo azul bem claro
Sorria em plena luz esplendoroso e raro.
Era um dia estival a ostentar todo luxo;
Nos montes, muito ao longe, um timido debuxo
Desenhava de manso as leves silhuetas
Das arvores. Canções alegres, desinquietas,
Faziam palpitar o concavo dos ninhos.
Volitavam no azul, azas de passarinhos.
E a conversa mantida entre a papoula e o lyrio
Cercava-se d'amor; phrases, juras, delirio
De doidas commoções, trocavam-se na teia
Que uma aranha traçára em menos de hora e meia.
Mas . . . subito uma phrase entrecorta-se: as flores
Não correspondem mais seus languidos amores
No claro telephone. — O fio onde é que estava?
Aonde se escondera? — O lyrio perguntava
Cheio de pena e amor.—
— É facil de dizel-o:
O fio mais subtil que um fio de cabello
Partira-se ao contacto, ao beijo casto e breve
D'uma aza roçagante e languida e bem leve
D'uma azul borboleta. E deste então — é justo! —
O lyrio conservou a pallidez do susto,

Perdeu a cor que tinha e fez-se assim tam branco
Como um verso d'amor que do meu peito arranco
Ao contemplar a luz tristonha das estrellas,
Deixando esta minh'alma a fulgurar com ellas . . .
Mas segredos não ha que alguem não os descubra.
O lyrio enbranqueceu; fez-se a papoula rubra,
Rubra de sangue e cor dos labios das creoulas,
Do mais vivo rubor fizeram-se as papoulas.
E o lyrio — rosea forma original d'um astro —
Guarda no seio agora a alvura de alabastro,
E desde ahi, então, os lyrios e as papoulas
Perderam o sorrir das caras lantejoulas . . .

II PARTE

TONS LILAZES

SUPPLICA

Nossa-Senhora das Dores
Tam dolorida, tam branca,
Arranca este amor, arranca!
Senhora dos meus Amores.

Senhora cheia de graça
Faz esta graça que eu peço:
Tira este amor, que confesso
Meu bem e minha desgraça.

Teu coração traspassado
Ai! quanto sangue gotteja!
O meu tambem te deseja,
Sangrando de lado a lado.

Como tu perdi as cores:
Olha estas minhas olheiras
Profundas, roxas, trigueiras...
Nossa-Senhora das Dores!

Oh! minha Santa Senhora
Tam dolorida, tam branca,
Arranca este amor, arranca,
Enflora a minh'alma, enflora!

Se o consegues, como penso,
Dou-te a mais fina redoma
Cheia do pallido aroma
De muita flor e de incenso;

Dou-te perfumes e velas...
(Quanta vez a madrugada
Não me pilhou accordada
Scismando á luz das estrellas!)

Tem pena de mim, Senhora
Tam dolorida e tam branca,
Arranca este amor, arranca!
Tem pena de quem te implora!

Se a tiveres, eu enfeito
Com flores languidas, mudas,
As sete facas agudas
Que tens cravadas no peito.

Guardo, — mas faze o que peço! —
No coração, entre fólhos,
As lagrimas dos teus olhos
Como perolas de preço.

E se consigo essa graça
Que no teu rosto diviso,
E se consigo um sorriso,
Quanto prazer me perpassa!

E ao teu sorriso, veremos,
Em formosas represalias,
Hei de te dar chrisandhalias
E um mundo de chrisanthemos.

Quero cobrir-te de flores
Oh! Mãe dolorida e branca,
Arranca este amor, arranca!
Nossa Senhora das Dores!

CONTO AZUL.

Sorria um céo de abril divinamente bello.
O sol era uma flor de calice amarello
Alagada de luz, esplendente no talho;
Salpicos d'oiro, e vida, e fluidos, e agasalho,
Derramava por sobre as outras flores todas.
Os passaros em par cantavam suas bodas
Adiadas pr'a abril, que, então, chegara ha pouco.
O prazer nos jardins era travesso e louco.
Os cravos cor de sangue, os lyrios cor de neve,
— Num perfeito contraste entre o mais vivo e leve, —
Os bogarys *mignons*, os grandes chrisanthemos,
Olhando com prazer, quasi a sorrir, diremos,
Sem pensar que por isso este meu verso peque;
A palmeira abanando o mais airoso leque,
O orvalho a scintillar nos galhos dos chuviscos,
Uns trinados de amor, uns arrulhos ariscos,
A luz plena do sol que toda a grama ensopa,
A sombra deliciosa e verde d'uma copa,
Tudo isso apresentava a fina graça *exquise*

Que mal um verso o diz, por mais que a rima o frise,
A graça que o sorrir da primavera arranja
Fazendo trescalar as flores de laranja
Na sombra cariciosa e doce dos pomares.
D'um azul quasi negro, andorinhas, aos pares,
Volitavam soltando o mais alegre chilro;
E a sombra desenhava uma renda de bilro
Tecida no esplendor das habeis agulhetas
D'alguns raios de sol, fugidos pelas gretas
Da ramaria escura. Um gigantesco cedro,
Que quasi já batia ás portas de S. Pedro,
Os ninhos abrigava entre as frondosas malhas.
Era alegre o sorrir das purpurinas dhalias.

Pois bem. A descripção já feita; com atrazo
Vou eu pois começar o meu singelo caso
Ouvido de manhã, que a brisa por segredo
Contou-me num jardim, a soluçar de medo.

—

Nessa linda manhã com que abril fez estréia,
Andava no zum-zum alegre da colmeia
Esse prazer de sol. Uma alacre azafama
Toda feita do amor que o doce mez derrama
Andava no interior da casa das abelhas:
— Pudéra! Tanta flor de boccas tam vermelhas!
Cedinho, de manhã, sahiram de uma em uma,
Sugando o bom licor que um seio azul perfuma
Beijando com amor, na sua doce faina,
Desde o cravo vermelho, á rica flor de paina.

Depois, sempre a zumbir, voltavam para o aprisco
Emquanto trescalava o odor do malvaisco . . .
Duas dellas, porém, ninguem jamais as vira,
E só nessa manhã d'um céo azul saphira
É que uns labios de flor, curiosos, indiscretos,
Attrahiram por graça a vista dos insectos
Que vieram de manso, amorosos, serenos,
Ao calix do mais lindo e subtil mimo-de-venus,
Poisar na languidez da tépida alcatifa,
Cheia do orvalho são, que a alvorada borrìfa
Pela bocca macia e humida das flores.
E as abelhas, que ao sol brilhavam, furta-cores,
Deliciavam-se ante esse conjuncto floreo
Onde o vermelho vence o pallido marmoreo
Sem vida e sem paixão d'algumas flores raras.
O singular do talhe, aquellas linhas caras,
Só no rubro e bem rubro é que achavam pujança,
Destacando-se assim dentre o verde esperança
Da copa do arvoredo, aonde a luz se esbate,
Dando viva expressão aos labios d'escarlate.

A sonhadora flor, em timido balanço,
Aos insectos fallou a murmurar de manso,
Emquanto recostada ao longe, num sofá,
Procurava escutal-a a linda rosa-chá
Tam pallida e curiosa:
— "Insectos d'azeviche!
E' Venus quem vos diz: por mais que Deus capriche,
Por mais que lide, em vão! Com suas mãos gigantes,
Jamais ha de crear abelhas semelhantes!

Salvé! ditoso par que a perfeição apura,
Feito para poisar na grata curvatura
D'uns seios de escarlate, airosos e serenos,
Como o de um mimo aonde habita a loira Venus!
Que formosas que sois na deliciosa curva
Fidalga como o hastil que a viração encurva,
Como quando num lago o azul d'uma onda encrespa.
Farieis morrer de inveja a mais formosa vespa!
A colmeia, por vós, deve sentir orgulho;
Vosso zumbido é doce . . . é doce como o arrulho
D'uma canção de amor entre um affago e um beijo.
Eu vos amo e vos peço: eu o que mais desejo
É que fiqueis aqui, é que fiqueis commigo,
Idylliando num meigo e delicado abrigo,
Passando docemente as horas n'esta casa
Que vos abrigará d'um loiro sol em braza . . .
Eu vos dou, vindo a brisa, essa que perto assoma,
Uma taça de mel e um calice de aroma;
E assim passar o dia, e assim chegar a noite,
O meu calix será quem meigo vos acoite
Na grata languidez d'um sonho apaixonado.
Que delicada alfombra e lindo cortinado
Diana tecerá num seio como o meu!
E que doce é o amor entre o velludo e o céo!
Ficae; é um gosto amar-se, oh! negro par de abelhas!
Neste leito de amor de petalas vermelhas! »

Assim fallou a flor, e rosa-chá sorria
Na doce pallidez tam languida e macia,
E, fóra do commum, ella, bisbilhoteira,
Sorria á confissão da linda companheira.

Venus parou um pouco á espera da resposta:
Um elogio assim nunca a ninguem desgosta...
O par agradeceu na saudação de estylo
E após, meio hesitante, olhou o céo tranquillo:
Esplendia divina e rica a natureza;
Se abriam de mansinho uns brincos de princeza,
O sol jorrava ouro, a luz jorrava vida;
Uns botões de jasmim, de lys, de margarida,
Passaros em namoro e languidos arrulhos,
Um veio d'agua clara em timidos marulhos,
Numa alegre avidez de canto e de chimera
Sorriam no esplendor da linda primavera.
Era suave o tom da cor do azul-celeste;
O campo todo em flor, tinha a indolencia agreste
Desse rôxo perfume em flor de manacá...
Sorria divinal — Senhora Rosa-chá.
Toda essa alegre pompa indomita que pulsa
Nesse esplendor de luz, nessa seiva convulsa,
Que vibra o mez de abril, sem que nenhuma esqueça,
De flor em flor sorrindo áquella mais travessa,
Tudo isto trouxe ao par de abelhas namoradas
Idéas de passeio, idéas encantadas.
—«Adeus, oh! flor da graça; adeus mimo-de-venus!
Calix onde Deus pôz perfumes mais amenos,
Na grata seducção, na seducção divina,
De tua fronte ideal, brilhante e purpurina!

Seio grato e aromal de palpitantes lavas
Que captiva quem vê, e que nos fez escravas,
Oh! doce languidez que timida se evola
Nessa scintillação de lúcida corolla,
Sonho rubro a luzir no brilho que espadanas,
Quando, a desabotoar as petalas ufanas,
Sorris em pleno sol! Adeus flor tentadora,
Se teu poder nos prende, o céo nos ennamora,
A liberdade . . . a luz comtigo se contrasta
Se teu amor seduz. mais ella nos arrasta;
Ser livre, volitar nas petalas mais caras
Por floridos vergéis, por moitas mais ignáras,
Na frescura do ar, no verde d'uma estufa,
Sorrindo a uma flor divina que se arrufa,
Porque passamos perto e nem siquer paramos,
Sentir a viração cantando pelos ramos,
Ouvir o marulhar das aguas passageiras,
Sugando o mel, beijando o calice perfeito,
Reflectidas nos ver num ribeirinho estreito,
Vivendo em pleno ar, olhando o céo d'anil
E nossos corações florindo em pleno abril,
Eis para nós o Ideal! Adeus, o tempo passa,
Rainha dos jardins! Divina flor da graça! »

Assim dizendo, o par ia fugir; mas nisto,
Chamou-o a voz de alguem que não se tinha visto:
Era uma abelha mestra, attenta, grave, idonea,
Que beijava de manso uns labios de begonia,

E que ouvira a conversa. E então, muito prudente,
Recommendou bastante ao par inexperiente
Que não voasse muito ou fizesse a loucura
De voltar muito tarde... A excessiva frescura
Da atmosphera era a morte. E as abelhas a custo
Viram-se emfim no ar. A sombra d'um arbusto,
A quente luz do sol, esse perfume agreste
Que da tunica azul com que o verão se veste
Evola-se de manso, o verde dos rebentos,
Rubros labios de flor, famelicos, sangrentos,
Tudo era novidade e goso para ellas
Que sonhavam o amor, as flores, e as estrellas...

...Anoitece... O luar, em raios vaporosos,
Parece a triste luz d'uns olhos lacrimosos
Feitos para chorar. Sons tenuissimos, vagos,
Na grata candidez do sonho azul dos lagos
Dizem aos corações romanticas doçuras...
Alvissimas, ideaes, num roçar de azas puras,
Vão-se as nuvens p'ra além. Rumores de cascatas
Que passam a cantar eternas serenatas,
Emquanto a agua azul ao longe se despenca
Borrifando ao cahir, verdes tufos de avenca,
Quebram todo o silencio.
E a lua estende ao leve
Sua tenda de azul, feita de arminho e neve.

—

As abelhas que vêem dormir os passarinhos
Tentam de ha muito, em vão, abrigo nos caminhos.
Voltar era impossivel, estavam tam distantes!
— E nem uma só flor de seios odorantes
Se achava por ali! (Que triste é a experiencia
Depois que se comette uma desobediencia!)
As nuvens a passar mais brancas que o incenso,
A lua reclinada em o regaço immenso
Da noite divinal, tudo isso era poesia...
Mas o cançaço? e a dor? e a sensação tam fria
Do relento? — «Meu Deus! Venus! Quem nos protege,
Não deixando morrer neste castigo hereje,
A nós que somos, — vêem? — tam debeis, pequeninas,
Que supportamos nunca as frigidas neblinas,
Cujo alimento é o mel, cujo peccado é amor,
Que somos mais subtis que o calix d'uma flor,
Ai! Quem nos déra um lyrio, um bogary, um galho,
Que não se recusasse a dar-nos agasalho!
Ou mesmo que se achasse o seio das acacias
Que aos nossos pulmões dá tam doces efficacias...»

Interrompeu-se o par a reparar com ancia
Um vultosinho branco, alvissimo, á distancia,
E que o chamava, então, numa vozinha doce
E tam meiga, que a fé surgiu e renovou-se.

Approximaram, pois. Era um boa-noite branco
Enlaçado a um gradil cujo bronzeado flanco
Pendia para um lago alvissimo tambem
Como as almas dos bons nas occasiões do bem.
Entraram de mansinho. O seio immaculado,
Na doce candidez dum leito de noivado,
Era a taça ideal de petalas divinas
Onde vinham chorar as noites opalinas . . .

E se ostentava o luar, mais branco, mais tristonho,
Como visão que tenho ás vezes do meu sonho
Olhando o céo, o mar, na solidão enorme,
Quando eu vélo sósinha e tudo cala e dorme,
Sentindo no meu peito, em toda immensidade,
Abrir-se o lyrio roxo e triste da Saudade . . .

Mas, voltemos ao caso assim como ao casal
Que, dormindo na flor, um sonho teve igual:
Sonharam que uma fada, a fada das violetas,
Que trazia nas mãos as almas dos poetas,
Mais loura do que o sol, mais branca do que a lua
E cheia d'uma graça immensa, e toda sua,
Viera bem de manso e de cuidado cheia
P'ra não se perceber seu talhe de sereia,
E colhera o boa-noite inerme e sem defeza,
Divino de brancura, e pleno de belleza.
E depois de leval-o aos labios num affago
Atirou-o, cruel, á onda azul do lago.

E lá se foi a flor. A luz da primavera
Emanava da meiga e languida galéra
Feita na maciez alvissima do arminho,
Creada para o amor, feita para o carinho...

Era a noite aromal dos brancos devaneios...
Fluidos cheios de aromas e de sonhares cheios
Andavam pelo ar na luz tam meiga e fria
Que traz aos corações o sonho da Poesia.
Era a noite do amor, dos limpidos luares
Que faz desabrochar os brancos nenuphares
Numa caricia doce e langue dos affagos,
Na superficie azul dos indolentes lagos.
Miravam-se no espelho esmeraldinos brotos,
E lá fugia a flor, além, por entre os lothus,
Deixando a tremolar, á calma luz de estrellas,
As petalas gentis a lhe servir de vélas...
E nisto abre-se o seio azul d'agua tranquilla:
O boa-noite, a tremer, espera, hesita, oscilla...
Em vão tenta fugir: e branco, immaculado,
Tomba no abysmo e vae morrendo desfolhado...

Era já de manhã. Em rutilantes jactos
O sol beijava o labio escarlate dos cactus
Quando passou a brisa, esplendida e louçã,
Trescalando o frescor dos labios da manhã,
Correndo sobre a grama, espiando os cyprestes,
Grimpando o valle, além, bulindo-lhe nas vestes,

A balançar um ninho, arrepiando as folhas,
Aqui brincando n'agua, além fazendo bolhas,
Beijos a chuchurrear n'uma papoula clara,
E procurando assim o casal que deixára
Na vespera. — Mas qual! — O parsinho de abelhas,
Apesar do bom sol, da luz e das scentelhas,
De certo estava ainda adormecido. E a brisa
Correu para o boa-noite — a flor de leite e sonho —
Palpitava no ar o papeio risonho
D'uma avesinha alegre. Abriam-se as chrysallidas
Deixando atravessar junto ás magnolias pallidas
As azas divinaes das borboletas brancas...
Havia pelo val, e montes, e barrancas,
Goso pleno de sol, desse Cupido louro,
Na viva floração de petalas de ouro.

E veio a brisa emfim; mas ao chegar mais perto
Desse boa-noite em flor, que na vespera, aberto,
Hospitaleiro fôra, estremeceu de horror:
Ouvira estertorar no calice da flor...
Approximou-se mais. E, oh! Deus Omnipotente!
O boa-noite fechara aos raios do sol quente,
E o calix protegido ás vividas scentelhas.
Matara inconsciente as languidas abelhas.

—

E só quando o luar, opalino e suave
Abriu sobre a terra a silenciosa nave
Da saudade e do sonho, é que o calix se abriu
Como um grande ataúde, enregelado e frio,
E ao debruçar-se além, ao gradil, sobre o lago,
Deixou cahir então naquelle azul tam vago,
Os corpos que abrigara... E, longe, sobre os valles,
A lua enregelada
Abria, immaculada,
A latescencia magica d'um calix...

NUM PLATEAU

Terra inculta, bambuaes viçando em torno,
Moitas cerradas, um odor de folha;
O que ha de lindo esse lugar de escolha
Reúne e brilha no mais fino adorno.

Verdes encostas. O ar puro e morno...
O pittoresco em tudo se me antolha:
No amor d'um ninho e o verde d'uma folha,
Na luz do sol mais quente do que um forno...

E' doce aqui. Deixa que o Sonho esteie
O tecto d'um chalet numa *corbeille*
De illusões florescendo em cada membro.

Quem déra nesta sombra em que distraio,
Florindo o coração em pleno maio
Passar alguma tarde de dezembro!...

N' ALMA

Semana-santa, toda de lucto,
Fez-se em meu peito que a dor quebranta,
E mais escura cada minuto
Vive minh'alma em semana-santa.

Coração triste, sondo e perscruto,
Tudo debalde: nem ri, nem canta...
Vive calado, cheio de lucto
D'um pobre sino em semana-santa

Meu pobre Sonho parece um mocho
Todo tam triste, todo de roxo,
N'uma saudade que a dor quebranta.

— Ai! o que fazem estes affectos,
No fatalismo d'uns olhos pretos
Todos de lucto, em semana-santa!

CONTRASTE

Que extranha cousa a graça do contraste!
Um velho muro, junto a uns casinholos,
Abandonado e só, já sem tijólos,
Como uma alma penada que se arraste,

Esse muro tam velho, é o velho engaste
Onde se mostram palpitantes collos
Rubros de sangue e niveos como os polos:
Rosas divinas sobre um velho traste.

Sorriso e dôr, velhice e mocidade,
Canção maviosa e cheia de saudade
N'um labio triste que mais nada espera ..

Mas, amanhã... as rosas vão-se embora
E o velho muro, tremulo d'agora,
Esperará inda outra primavera...

São Paulo - Outubro - 07

VOLUBILIDADE

Brilha uma borboleta á luz que o sol entorna.
Pulverisa-se d'oiro ás claras transparencias,
Ostenta a palpitar, divinas opulencias
D'um mimo de valor que a luz affaga e adorna.

Abandona o casulo, e certo lá não torna.
Inebria-se em vida, em ar, em confidencias,
Beija um lyrio a entreabrir na volupia d'essencias
Os labios na avidez d'uma caricia morna;

Poisa n'um jasmineiro estrellejado e lindo,
Affaga os bogarys e magnolias d'outomno
Que são leitos d'amor a lhe embalar o somno...

— E assim as illusões, doidas azas abrindo,
Poisam de flor em flor, vão-se p'ra além, fugindo,
Deixando o coração — o ninho — no abandono...

S. Paulo - Junho - 07

LOIN DU PAYS

Vélas alegres, ligeirinhas vélas
Todas vestidas de alvejantes roupas,
Que, rastrejando levemente as pôpas,
Tam pequeninas todas e singellas,

Beijaes as ondas, e a sorrir vão ellas
Como se as vagas chilreando em tropas,
A vos beijar as alvejantes roupas
Se dissolvessem num milhão de estrellas!

Oh! vélas brancas que alegraes em frotas
Como um bando ligeiro de gaivotas,
Cortando as vagas a cantar em côro,

Dae-me umas azas como as vossas azas,
Para vogando sobre as ondas rasas
Beijar as praias do paiz que adoro!

CHROMO

Agasalhada na viçosa trama
Que o jasmineiro estrellejado espouca,
Num perfume subtil que se derrama
Vindo de flor em flor, de bocca em bocca,

A casita romantica se inflamma
Numa tal elegancia airosa e louca,
Que até se faz sentir, por sobre a grama,
No viveiro que a madresilva entouca.

Nessa casinha isempta assim de males
Que se abre em flor, no aroma azul d'um calix,
Na seductora graça dos rosaes,

Eu vejo, assim despontam as estrellas,
Um parsinho de noivos nas janellas
E uma chuva de beijos nos pombaes...

A SONHAR

Ao longe avista-se a villa,
O campo, a volta da estrada,
O sol doirado scintilla
Na clara luz que distilla
Na cabelleira doirada.

É meio-dia. A morena
Na frescura doce, amena,
Da saleta de jantar,
Scisma tranquilla e serena
Nesse remanço do lar.

E emquanto sonha, costura;
Emquanto cose, palpita.
Ai! que gostosa ternura,
Naquella doce costura,
No seu vestido de chita!

Num ponto nasce um castello,
Um devaneio singelo,
Um sonho em cada pontinho.
— Que colorido amarello
No delicioso corpinho!

E amanhã, p'ra que se veja,
Ha de estreial-o na villa:
Quanto ciume, que inveja,
Despertará lá na igreja,
Nessa igrejinha tranquilla!

E a rir su'alma se espelha
Nessa boquinha vermelha,
Lá no fandango, de tarde,
Quanto *quitute* na grelha.
Ai! que prazer! ai, que alarde!

E então que lindos rapazes
Todos morenos, queimados,
Que deliciosos bailados,
Quantos olhares audazes,
Caboclos e apaixonados!

— Scisma e cose a morenita
Corando a face bonita
N'alguma idéa singela,
Viçavam os cravos-chita
Nos batentes da janella.

Cheiravam os alecrins,
Mangericões e plantinhas.
— Seus olhos-pretos, setins!
Eram *mignons* bandolins
Cantando alegres modinhas.

Murmura e passa o regato,
Correndo manso, pacato,
Beijando as flores das leiras,
— Que facesinhas brejeiras
Coradas pelo recato!

A brisa passa de manso,
De mansinho a sussurar.
E a trigueira num descanço,
Continuamente a scismar,
Já cose tam devagar!..

— Que linda casa de roça
E não ha mesmo quem possa
Gosal-a sem indolencia...
Que deliciosa influencia,
Nesta casita de roça!

Tudo respira poesia:
A mesa tosca, uma rêde,
Uns santos pela parede...
Que preguiça, Ave-Maria!
Que frescura ao meio-dia!

Sente-se a paz pela granja,
E a languidez pelo espaço.
No céo azul ha uma franja,
De nuvens cor de laranja
Corando ao sol, ao mormaço.

E sonha a linda morena,
E surge a tarde, bonita.
Foi-se o dia... A trigueirita
Não terminou, ai, que pena!
O seu vestido de chita...

1907

CASTELLO

I

Quantas vezes comtemplo-o erguendo em pleno espaço
Elegantes torreões d'um apurado estylo!
E como encanta o olhar! E como é bom sentil-o
No fidalgo perfil, nas formas do terraço!

Resposteiros de preço e gosto não escasso
Guardam nobres salões n'um austero sigillo;
Pinturas *art-nouveaux* no largo peristillo
Tudo revela graça e arte em cada traço.

Estufas a ostentar begonias exquisitas
Avencas verde-mar, selvagens parasitas
Tentam os colibris com doidas graças suas:

E entre o viveiro e o lago e estatuas semi-nuas
Beijam-se em todo o garbo e *poses* mais bonitas
Um casal de pavões na solidão das ruas...

II

Doce lethargo eu sinto idealisado, intenso,
D'esse goso que tem o affago de pellissa;
D'esse macio sonho azul que se espreguiça
Em ondas de capricho, em espiraes de incenso.

Thuribulo d'amor em minh'alma suspenso
Delineia, em fumaça aromal de preguiça,
Castello á phantasia a se ostentar na liça
D'um devaneio leve e d'um scismar immenso.

Perfil talhado em graça, altivo, aristocrata,
Persianas e torreões, lagos feitos de prata,
O castello revela artista fino e sabio.

E o casal de pavões, d'azas longas, recurvas,
Parece, bello assim, na perfeição das curvas,
Sonhos nossos em par beijando-se no labio!

SONHO DORIDO

Qual beija-flor que poisa em doce calma
Por sobre o labio tremulo d'um cravo,
Um doce amor poisou sobre minh'alma
Seu languido perfil, pallido e flavo.

E assim cresceu, cresceu . . . E agora empalma
Junto ao poder, todo o amargor d'um travo,
Captivando despotico minh'alma,
Meu coração fazendo seu escravo.

Mas eu hei de arrancar-te do meu peito
Misero amor que ahi fizeste leito,
Que me allumias no fulgor d'um astro!

Hei de ver-te morrer em teu delirio,
Pobre abelha no calice d'um lyrio,
Mariposa n'um vaso d'alabastro!

DE NOITE

O perfil delgado d'uma lua nova
Reclinado em noite silenciosa e boa,
É um barquinho lindo mesmo a toda prova,
Que sem passageiros, deslisando atôa,
Lá se vai de manso com meu sonho á prôa.

Lá se vai o barco, vai prateando a escuma
Numa luz divina. Vai e não encalha
Quando mansamente beija de uma em uma
Todas essas ondas que elle mesmo espalha,
Todas essas nuvens que de malha em malha,

Que de sombra em sombra, guadam esse triste
Doce reverbero de illusão de um dia...
— Foram os meus olhos onde o sonho existe
Que contaram tudo: toda a nostalgia
De meus ais tristonhos, desta dor sombria...

Scismam as estrellas, brazas crepitantes,
Como lothus d'oiro. São immorredoiras,
São do cofre immenso tremulos brilhantes,
Têm o voluptuoso ardente olhar de moiras
Essas pequeninas estrellinhas loiras.

Uma briza fresca sussurando passa,
Vai beijando as vagas que de manso esfrola,
Vai bebendo aroma numa rosea taça
Feita de primores, feita da corolla
Duma flor divina que perfume evola.

E todo esse encanto que d'aqui contemplo
Faz-me bem devéras, dá-me bom scismar.
E minh'alma sente toda a unção d'um templo
Pois um templo existe d'entre o céo e o mar.
— Amo-te, oh! natura!... Mas... me vou deitar!

1907

CYSNES BRANCOS

Cysnes brancos! Não vejo o mais leve salpico
Nesse gelo polar talhado em formas d'aves!
Vossos pescoços nús são como duas claves
Que para as descrever, o arco d'um verso estico.

Vossas plumas ideaes são do caro fabrico
De nuvens de verão e de arminhos suaves.
Duas vélas lembraes; vós sois as duas naves
D'um templo de noivado, esplendoroso e rico.

Cysnes brancos! vós sois duas grandes magnolias
A quem as virações dizem canções eolias,
A quem canto uma rima, embora a rima peque . . .

Cysnes brancos! meu sonho assim diz e eu replico:
Quem déra sendo flor sentisse o vosso bico,
Tornado em viração flaflasse o vosso leque!

Em Natal de 08.

NA ROÇA

Ao Sr. José L. Pessanha.

É uma casa de caipira
Que a minha attenção atira
Na beira do cafésal.
Olhando assim bem de perto,
Parece-me um lyrio aberto,
No riso branco da cal.

Plantada junto da horta,
Uma janella, uma porta,
O quarto, a sala em tabique;
Cosinha feita ao relento
Exposta ás chuvas e ao vento
Cercada de páu a pique.

É uma frescura de brejo
N'esse interior sertanejo
Coberto de telha vã.
— Como alegram as maitacas
Poisadas sobre as estacas
Das cercas de guarantã!

Situada junto do açude,
P'ra que se rime e se estude,
Tam pequenina e tam alva,
Esta casinha bonita
Onde a ventura palpita
Cheirando alecrim e malva,

Parece um cysne bem branco
Reclinado sobre o flanco
A que a encosta se presta. . . .
— Ao longe, nas curvas longas,
O grito das arapongas
Vai perder-se na floresta.

No lago nadam os patos
Gorduchos, brancos, pacatos,
No banho do meio-dia;
E o sol vivissimo escalda
N'um banho d'oiro e esmeralda
O quadro todo em poesia.

Na horta viçam as vagens
Sob as latadas selvagens
Do fresco maracujá;
E as borboletas em valsas,
No verde alegre das salsas,
Brincam o *tempo-será*.

Expostos ao sol que brilha
Uns pés de feijão-ervilha
Estão n'um viço sem par;
Não passarei sem que trace
Um canteirinho da alface
Que serve para o jantar.

Um ribeirinho crioulo,
Que desce além ao monjolo
E, sem que ao serviço falte,
Cantando nos boscarejos
Estribilhos sertanejos,
Beijando o verde do esmalte,

Beijando o esmalte musgoso,
Cheio de amor e de goso,
Sem que se prenda ou se enrosque,
Desce — o ribeiro cantante —
Affaga o leito odorante
E vai perder-se no bosque.

Passam além entre as murtas,
Morenas de saias curtas
De faces cor de papoulas;
Por entre as folhas silentes
Palpitam os ninhos quentes
Dos inambús e das rolas.

— O sol de verão fagulha,
E a matta-virgem se orgulha
Dos grandes troncos ufanos;
E lá, por entre a ramagem,
Vêm alegrar a paisagem
Grandes bandos de tucanos...

1908

PELA ESTRADA

Na estrada. Um dos carreiros mais bonitos
Vem vindo dos visinhos logarejos.
Além, no cafésal, andam aos beijos
Os chilrantes e verdes periquitos.

Em doçuras e gosos infinitos,
Scisma o carreiro, em languidos desejos,
Nos mais formosos olhos sertanejos,
Nos labios mais vermelhos e bonitos . . .

E os gordos bois o carro vêm puxando
Cujas rodas monotonas, cantando,
Vêm quebrar o silencio terno e vago:

E na brancura ideal de branca prece
A doce lua-cheia até parece
Um lothus branco pelo azul d'um lago!

1908

NO SERTÃO

Lindo e verde caminho em plena matta.
O azul é meigo, o sol rutila e cresta . . .
Reina a doçura amena d'uma sésta
No carinho da sombra aristocrata.

A brisa affaga o dorso da floresta
Ramalhando nas copas . . . A cascata
Cahe ao longe, murmúra, se desata
N'aguas cantantes marulhando em festa.

Enredam-se os cipós; o sol escalda
Filtrando-se no tecto de esmeralda
Em agulhetas do mais loiro brilho . . .

— Passa um caboclo pela estrada afóra
E vem cantando uma canção sonora
Rimada aos passos lentos do tordilho . . .

1908

REGRESSO

Ao Dr. Fransisco Portella.

Voltámos do passeio. E' já de tarde.
Há doçura e tristeza na paisagem.
Os passaros no bosque mais selvagem
Fazem nos ninhos carinhoso alarde.

Não é preciso mais que me resguarde,
Morreu o sol; morreu o loiro pagem...
E a lua branca sóbe entre a ramagem
Ardendo como um grande cirio arde.

Eu venho de passeiar; e do passeio
Trago tres cousas com que me recreio:
— Das palmeiras o mais formoso leque,

Flor de S. João á ponta do chicote,
E a borboleta cor de chamalote
Bem presa no chapéu por meu espeque!

1908

A' FLOR DAS AGUAS

Rio abaixo... Magnifico passeio!
Soberbas margens, largos horisontes
Onde o azul do céo e o azul dos montes
Se confundem no mesmo devaneio...

A briza encrespa as aguas sem receio
N'um beijo que era um murmurar de fontes:
Bambús, cabanas, ramarias, montes,
Vejo passando em magico recreio.

E a canoinha—um tronco de peroba,
Que o bello e o pittoresco junto engloba,
Deslisa emquanto o canoeiro rema...

— Vem, pois, minh'alma! vem sonhar um dia
N'estas aguas tam cheias de poesia,
Aguas azues do Paranápanema!

NOITES DE JUNHO

Camelias a sorrir, lyrios estrellejantes
Alvejam ao luar, á doce luz de prata.
O céo de meigo azul, infindo, se retrata
Na indolencia d'um lago em *poses* elegantes.

Festejam o S. João. Fogueiras crepitantes
Atiçam o prazer na gente mais pacata.
Tilintam bandolins alegre serenata,
Parecem os balões estrellas palpitantes.

Girandolas no ar, bulhentas algazarras,
Gargalhadas além, no toque das guitarras,
E um lagrimar doirado ao calmo azul ascende:

Choram por brincadeira . . . emquanto o olhar me prende
A doce languidez das voluptuosas garras
Que a Saudade num beijo intérmino me estende.

S. Paulo-Junho-07

MEU CORAÇÃO

I

Saleta fôfa; tépida corolla,
Que torna em languidez castas idéàs,
E' um encantado ninho d'azaléas
Onde o perfume da Tristeza evola.

E' ninho occulto em magicas sotéas
Onde a alegria em risos me consola.
E' um devaneio ao som de barcarolla...
— Meu coração: oh! sonho d'azaléas!

Péde á Dona Tristeza—d'olhos vagos
Cor de violeta, languida senhora! —
Que se retire. Pelo azul dos lagos

Deixa Alegria que minh'alma enflora;
Busca a luz prasenteira em seus affagos...
— Por Deus! Dona Tristeza: vá-se embora!

II

Meu coração é um triste cemiterio.
No ar paira o silencio. O vento frio,
Soluça e geme, rispido, sombrio,
Onde repousa o Sonho meu, ethereo.

Veio a ventura e foi-se. O desvario
Trouxe ao meu peito a Dor — negro mysterio!
Meu coração é triste cemiterio
Sem flores, a gemer no vento frio...

Mas sempre, sempre, quando a sós revejo
D'entre minh'alma timida, insensata,
O triste cemiterio do Desejo,

Junto á lousa onde o Sonho se retrata,
Entrevejo uma flor, sempre entrevejo
Essa eterna Saudade que me mata!

1908

CREPUSCULAR

Sonha o sol a morrer; expira n'um desmaio
De tons d'oiro, de luz, de graça e de poesia.
A sombra do arvoredo é languemente esguia,
O céo é um sonho azul e a tarde um rir de Maio.

Fincada no horisonte, onde o olhar espraio,
Destaca-se o perfil d'uma torre sombria;
O sino austero geme a doce Ave-Maria
Emquanto expira o sol na pallidez de um raio.

Reina em minh'alma—triste e merencorea nave —
Um tom crepuscular dolorido e suave,
Agonizante o Amor delira em igneo poente.

E, em vez d'Ave-Maria, os sinos compassados
N'uma canção de Dor, soluçam a finados,
E pela cruz do altar o Sonho é o penitente . . . .

S. Paulo-Novembro-1907

PORQUE?

(TRADUCÇÃO)

(A. Aleardi.)

Diz-me, diz-me porque vagando pelos campos
Uma cantiga, um som, os verdejantes folhos,
Tudo me traz á mente a graça de teus olhos
Essa graça de luz, d'um par de pirylampos.

Diz-me porque a olhar o céo azul, extenso,
De estrellas adornado a palpitar extranho,
Lembro as scintillações do teu olhar castanho
Onde fulgura o sonho, onde suspiro e penso.

Diz-me, diz-me porque nada se te assemelha,
Nada vale o sorrir dessa bocca vermelha,
O mundo é o teu olhar que em tudo se revê.

E uma flor, e o espaço, e a grandeza dos mares,
Tudo liga meu sonho aos sonhos teus, aos pares,
Diz-me, diz-me . . . sorris? Tu bem sabes porque . . .

S. Paulo—07.

DONA POESIA SONHANDO

Sonha a formosa Senhora,
— Dia azul em pleno Maio. —
Vestida de verde-gaio
Que o mormaço não descora.

Encantos aristocratas,
Sem leves sombras plebeias.
Ressonam as ipoméas
Ao marulhar das cascatas.

O jardim repousa em roda
Na mais langue das preguiças.
Chrisandhalietas noviças,
Em pleno rigor da moda,

Desabotoam-se aos poucos,
Dos collos mostrando um terço,
Que, rendilhados no verso,
Fazem d'amor muitos loucos.

A minha attenção debruço
N'um declive, n'um barranco,
E o seio d'um lyrio branco
Estrellejou n'um soluço.

Por entre as folhas descubro
— Da inveja sentindo o travo —
O mais elegante cravo
A morder o labio rubro.

Palpitam flôres esguias
Em *poses* afidalgadas
Arqueando as formas delgadas,
As faces brancas, doentias,

Contando todo o detalhe,
Mostrando o seio formoso
Ao sol, que em languido goso,
Ausculta a graça do talhe.

E meus olhares agora
N'um caramanchel eu ponho,
Onde na graça d'um sonho
Dormita a langue Senhora.

Ahi meu verso penetra,
Meu verso pallido assoma
A embebedar-se d'aroma
Que a minha rima soletra.

É um ninho bem pittoresco
Cheio de graças plebeias
Atufado d'ipoméas
Bem pequenino e bem fresco.

De folhas, parece um lago,
Em ramos, tufos e pencas,
Todo rodeado d'avencas
Todo cheio d'asparago.

O dia é calmo e de Maio.
E agora o meu verso almeja
Uma bocca de cereja
E um vestido verde-gaio.

Ao verso pede-me venia
E a rima suave encrespa
Essa que lembra uma vespa
Poisada n'uma gardenia.

Lindos cabellos esparsos
E os longos e negros cilios
São sombras tristes de idyllios
Que encobrem uns olhos garços.

Esquecido, bem a gosto,
Poisa-lhe um livro ao regaço
E um meigo, doce mormaço
Tinge-lhe a pelle do rosto.

Mas meu verso é muito hereje
P'ra descrever o desmaio
D'um vestido verde-gaio
Todo enfeitado de *beige*.

Em vão procuro com ancia
Pois toda a rima que escolha
Não será mais que uma folha
Que lhe realce a elegancia.

E a tam formosa Senhora
Sorri, delira no sonho
N'uma vertigem, supponho,
Murmura, anceia, descora!

O coração se debate
N'um *tic-tac* d'arquejo
E na caricia do beijo
Palpita a bocca escarlate;

E' sonho amoroso e langue,
Volúpico, apaixonado,
Como o sorriso encarnado
Do labio d'um cravo exangue.

E as flores curiosamente
Abrindo as boccas vermelhas
Tinham sorrisos — scentelhas
Ante esse sonho eloquente.

E as formosas ipoméas
Despetalaram-se rindo
E, de uma em uma, cahindo,
Com suas graças plebeias,

Com sua graça creoula,
Poisaram sobre a Senhora
Tam rubra, tam rubra agora
Como a mais rubra papoula.

E poisou a chuva hereje
De flôres todas de Maio
No vestido verde-gaio
Todo enfeitado de *beige*.

S. Paulo - Setembro - 07

ORCHIDEA

Oh! roxa orchidea ideal, orchidea que me assiste,
Tu és o bem e o mal, d'esta minh' alma triste.
Tu és melancholia; acalma pois e afrouxa
Esta Saudade immensa oh! linda orchidea roxa!
Vou dar-te um pobre verso a palpitar extranho
Como as scintillações d'algum olhar castanho!
— Que tristeza outomnal, quantas perdidas phrases
Oh, minha orchidea ideal de petalas lilazes!
Nuvens de tarde triste, anoitecer de Outubro
Raios de sol doentio em occidente rubro.
Sombras de languidez d'um coração em sangue
Oh! Petalas d'amor! Oh! Minha orchidea langue!
As cordas mais subtis do coração me feres;
Tens perfume maior que o seio das mulheres,
Leito de languidez — roxa sacerdotiza —
Beijo feito d'amor, que o sonho aromatiza.
Estas petalas sãs, são hostias de saudade:
Deixa-m'as commungar no sonho que me invade!
São contas d'um rosario, auroreal, sereno,
Nascido ao doce olhar do meigo Nazareno.

Na dôr que freme, habita e, no teu seio, estúa,
A te empallidecer á calma luz da lua,
Vejo um sonho lilaz que o meu amor colore.
Oh! minha orchidea ideal: deixa-me que te adore!
Quando uma clara gotta em ti poisa e te orvalha,
Qual lagrima de dôr em cima de mortalha,
Aos olhos vem-me o pranto; ás palpebras cançadas
Tam tristes como um par de orchideas desfolhadas . . .
Esta impressão saudosa, affrouxa; sim, affrouxa,
Oh! tu, meu bem, meu mal,
Oh! minha orchidea roxa!

S. Paulo-Setembro-07

BALLADA...

Sonho de singeleza
Vogando no ar,
Vem me emballar.

Casta e doce tristeza
Meu peito tem:
Vae-te p'ra além!

Flores rubras, vermelhas,
Fazem lembrar
O teu beijar.

O divino estellario
Me conduz
Do amor á luz.

Meigo thuribulario
De triste uncção:
Meu coração.

Ninho sem luz, sem calma,
Treme de frio,
Triste, vasio:

É como esta minh'alma.
Traz-lhe o calor,
Oh! meu amor!

Languorosas scentelhas
Fazem suppor
Olhos de amor.

1908

CRUZ

Cruz afincada numa torre branca,
Na torresinha branca d'uma igreja,
Meu coração em prece te deseja:
Espanca esta tristeza, sim, espanca!

Oh! cruz da torre branca!

Essa andorinha que em teu braço adeja,
Essa andorinha azul, azul e branca,
É minh'alma que pede e só deseja:
É minh'alma que vôa e que te beija.

Esta saudade estanca!

E quando o sol expira e nasce Venus
Junto aos teus braços ideaes, serenos,
Sinto-me presa em doce captiveiro.

E olhando o céo no brilho do luzeiro
Vejo-te reflectida calma e franca,
No perfil calmo e franco do cruzeiro:

Oh! cruz da torre branca!

1908

PRIMAVÉRAS

Primavera de Deus por entre os ramos,
Primavera de Amor em nossas almas,
Na doçura daquellas tardes calmas
Senti no mez azul em que idylliamos.

Depois, não mais cantaram gaturamos;
O sequito de flores e de palmas
Foi-se com a estação de nossas almas
Quando p'ra sempre nós nos separamos.

E hoje, vendo que volta a Primavera
De Deus, a rir no azul da atmosphera,
N'alma procuro os sonhos e os rosaes:

Pobre minh'alma! o que a chorar me antolhas
São os perfis das arvores sem folhas
Tristezas de paisagens hybernaes . . .

TRES FADOS TRISTES

FADO I

Quasi noite. No horisonte
Traçam nuvens uma barra.
— Senta-te aqui junto á fonte
Eu vou cantar á guitarra.

As aguas passam serenas
Regando o verde das hortas,
E choram nas açucenas
Ao receber folhas mortas.

Silencio... No affago terno
Se escondem os passarinhos,
Passando as *soirées* de inverno
No avelludado dos ninhos.

Bateu a Ave-Maria
Ao longe, no campanario.
Nossa Senhora desfia
As contas do seu rosario:

São de estrellas tam divinas,
Que nem descrever eu posso;
De dez em dez pequeninas
E Vesper de Padre-nosso.

E emquanto em luzes opimas,
Se fazem doirados terços,
Irei desfiando as rimas
No Padre-nosso dos versos...

A luz da lua é tam fria...
Tam branca e cheia de folhos!..
— Deixa beber a poesia
Pelo luar dos teus olhos.

O luar branco e tristonho
E' um cortinado de renda;
Vou bordar n'elle meu sonho
P'ra que no espaço se estenda.

A lua é cheia de fluido,
Cheia de luz pelas bordas...
Vou pois vibrar, sem descuido,
O coração d'estas cordas.

E minha'alma inda se esbarra
Na saudade do horisonte...
Eu vou cantar á guitarra,
Vem, pois, me ouvir junto á fonte:

AMOR DE LYRIO

— Era uma noite de lua
Como esta noite de prata
Que pelo espaço fluctua
Ouvindo-me a serenata
Que canto, e que é toda tua . . .

Um lyrio alvo de neve
Viçava por sobre a grama,
Sorvendo esse fluido leve
Que no espaço se derrama,
Que meu canto não descreve . . .

O firmamento tranquillo,
No calmo olhar das estrellas,
Era um myrifico asylo:
Quanto prazer em sentil-o
Cheio de luzes e vélas!

No ninho, o ar venturoso
Havia em doce agasalho.
E as flores, tontas de goso,
Bebiam seiva e orvalho
Abrindo o labio mimoso.

Bemditas noites serenas
Que tanto animam quem soffre.
Que nos consolam as penas
Chorando nas açucenas
Claras gottinhas de aljofre.

A lua branca e divina,
Immersa n'um sonho calmo,
Na sua luz argentina
Tinha a doçura d'um psalmo
Resado bem em surdina . . .

E o lyrio vendo-a encantou-se.
A lua languida e fria
Tinha o olhar branco e doce,
Cheio de calma e poesia:
— Olhar de Virgem Maria!

Trescalava pela terra
Um aroma de violeta,
E o lyrio o labio descerra
Cantando as rimas que encerra
N'uma caricia dilecta:

— «Porque Deus não me deu azas,
As azas d'um colibri,
Para, fugindo da terra,
Aninhar-me junto a ti?

Seria o espaço pequeno
Para eu o atravessar;
E emquanto fosse subindo
Eu sonharia ao luar.

Teu amor dar-m'ia forças
Para chegar até ahi.
— Porque Deus não me deu azas
As azas de um colibri?

No meu bico levaria
Uma flor da manacá,
Se o roxo diz a Saudade,
Saudade o que não dirá?

Mas triste sou, sem alento,
Morrerei longe de ti . . .
— Dá-me, luar, umas azas,
As azas d'um colibri! »

Disse o lyrio á sua amada,
Á lua languida e fria . . .
E ella mandou-lhe uma fada
A fada azul da poesia,
Dessa poesia encantada.

E a boa fada ao colhel-o
Deu-lhe umas azas sem par,
Deu-lhe azas da cor de gelo,
Azas feitas com desvelo,
D'uma nesga de luar . . .

Foi-se o lyrio, a flor mais bella
Na linda luz que fluctua;
Vôou . . . tornou-se em estrella,
Foi poisar aos pés da lua . . .

FADO III

Dizem que amor é cegueira
Mas fugir é uma loucura,
É passar do sol bem vivo
Para a noite mais escura.

Não só com labios se beija,
Faz-se assim caricia igual:
Ha olhares que se encontram
N'um casto beijo ideal.

Se dizem que o amor mata
Com sua garra travessa,
Qu'importa! Mesmo soffrendo
Quero morrer bem depressa.

Quando te ausentas eu sinto
Uma noite que me invade:
As estrellas são lembranças
O luar é a saudade . . .

Ao morrer mando minh'alma
Poisar n'um amor perfeito
Para que o colhas e o tragas
Guardado sobre teu peito.

Vivo cumprindo o meu fado
Nas rimas dos poemetos:
O fado foi Deus que deu,
As rimas teus olhos pretos.

Desde que eu amo sou triste,
E alegria em vão imploro:
Quando tu chegas — suspiro,
Quando te ausentas — eu choro.

Noites azues dos teus olhos
Quero ver-vos noite e dia,
São mesmo noites rimadas
No lago azul da poesia.

Ao morrer mando minh'alma
Poisar sobre os mal-me-queres.
— Prefiro as flores ao céo
Pois são as que mais preferes.

Ha flores langues, formosas,
Da forma que se deseja,
Mas não ha flor mais bonita
Do que um labio quando beija.

Quando vejo fulgurante
A luz dos teus olhos pretos,
Sinto tornar-se minh'alma
N'um dilluvio de sonetos.

Nossa-Senhora, de noite,
Abre no céo o seu cofre:
As estrellas são os prantos
Dos olhos de quem mais soffre.

Teus olhos não entristeças,
São assim do meu agrado:
São duas rimas travessas
Bandolinando num fado...

1908.

INDICE

I Parte — TONS DE ROSA

O Sonho de Chrisandhalia . . . 3
Tête-à-tête 11
Beija-flor 12
Postal 13
Vertigem 14
Meu piano 15
Na Ponte-Grande 16
Os olhos Teus 17
Chalet 18
Perfil d'um cysne . . . 19
Eternamente 20
N'um caramanchão . . . 21
Estações felizes 22
Recordação 23
Ninho de andorinhas . . 24
Um crime 28
Devaneio 29
A um louva-deus 30
No jardim do mosteiro . . 31
No campo 32
Colhendo amoras 33
Nuvens que passam . . . 34
Idyllio roceiro 35
Rêverie 36
Toujours 37
Rubor e Pallidez . . . 38

II Parte — TONS LILAZES

Supplica 49
Conto azul 52
Num plateau 64
N'alma 65
Contraste 66
Volubilidade 67
Loin du Pays 68
Chromo 69
A Sonhar 70
Castello (I e II) . . . 74, 75
Sonho dorido 76
De noite 77
Cysnes brancos 79
Na roça 80
Pela estrada 84
No sertão 85
Regresso 86
A' flor das aguas 87
Noites de junho 88
Meu coração (I e II) . 89, 90
Crepuscular 91
Porque? 92
Dona Poesia sonhando . . 93
Orchidea 98
Ballada 100
Cruz 101
Primavéras 102
Tres fados tristes — I . . 103
Amor de lyrio 105
Fado III . . . . . 109.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9697
N54C7

Nobre, Graciema
Crepúsculos

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 09 14 02 001 3